RECEPÇÃO DE NOVOS SÓCIOS

O Instituto do Ceará, no decorrer do ano de 1948, recebeu três novos socios efetivos: Carlos Feijó da Costa Ribeiro, médico, Josa Magalhães, também médico, e Fran Martins, bacharel em direito.

CARLOS RIBEIRO, eleito na sessão de 20 de Janeiro, para preencher a vaga deixada por João Nogueira, empossou-se em 17 do mês seguinte, tendo sido recebido, em nome da instituição, pelo consócio Dolor Barreira.

A vaga que se verificou com o falecimento de Eusebio de Sousa foi preenchida por JOSA MAGALHÃES, eleito em 4 de Fevereiro e empossado no dia 17 de Março. Foi orador o consócio Padre Misael Gomes.

FRAN MARTINS teve a sua eleição em 20 de Março, substituindo o falecido consócio Leonardo Mota. Tomou posse em 27 de Junho, tendo falado Dolor Barreira em nome do Instituto.

Vão a seguir os discursos pronunciados.

De DOLOR BARREIRA:

Permiti-me, antes de mais nada, duas palavras de evocação, que, neste encontro e nesta hora, serão, para nós dois, por sem dúvida, motivo de gratíssimo enternecimento.

Façamos um recuo no tempo, de todo ponto exequível, aliás, graças ao poder mirífico do pensamento — o incomparável taumaturgo.

Assim transportando-nos ao passado, vivendo assim retrospectivamente, estamos, como por encanto, nesse esfumado e longínquo "Ginásio S. José", dependurado "dos alcantis da Serra do Estevão", de onde, na descrição evocativamente impressionista de Leonardo Mota, "se descortina um dos mais sugestivos panoramas cearenses: — intérmina planura sertaneja só interceptada pelos monólitos que montam guarda à cidade de Quixadá; o casario desta, de cujo centro se eleva a esguia torre branca da Matriz; a bacia do açude do Cedro, reverberando às cintilações do sol, ou à branda luz do luar; as vasantes do riacho Verde, como um borrão glauco numa paisagem pardacenta; a torcicolosa estrada que a principiar da ladeira do Engano, co-

munica a serra com o sertão e que parece enorme serpe imóvel, aqui e ali escondida pelo mato adjacente; ao longe, muito ao longe, os cabeços da Serra Azul, eriçando a linha do horisonte; e, para tormento da minha saudade, ao norte de Quixadá, o ponto branco da casa grande do sítio Herval, residência de meus pais..."

E' numa jocunda manhã de um dia do ano de 1908, manhã clara de sol, gorgeante de passarinhos, fresca e aromatizada...

Tocou a sineta, como é do estilo, e as ondas sonoras, que do toque se desprendem, rolam e repercutem, metálica e estridulamente, pelos âmbitos mais distantes do inolvidavel educandário...

E' a aula de Física do 5.º ano...

A postos, depois das orações preliminares (estamos num colégio de beneditinos), a postos, mestre e discípulo...

O mestre, de menos de vinte e três anos, médico recém-doutorado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, com a tese — *Simulação de Moléstias da Infância* — aprovada com distinção, lhano e accessível, brando e modesto, com a preocupação única de levar a matéria professada, de que é senhor e que transmite proficientemente, ao conhecimento do discípulo...

O discípulo, com apenas catorze anos de idade, estudioso e aplicado, mas, com as suas preferências voltadas para as línguas, para a história, geral e do Brasil, e para a boa e amena literatura, tendo, por isso mesmo, pelas leis da atracção universal, pela teoria dos vasos comunicantes com um só ou com dois líquidos *et reliqua*, instintiva e incoercível antipatia, do que resultava perceber mal ou com dificuldade a autorizada lição com que o mestre procurava, durante a hora regulamentar, interessá-lo e prendê-lo...

Terminou a aula, a um novo toque da sineta, prolongado e vibrante...

O mestre, como de costume, volta aos seus estudos, na pacatíssima casa, onde se alojam os professores, numa elevação próxima, e o discípulo, de cambulhada com outros colegiais, saídos, aos bandos e aos ímpetos, dos demais cursos, abala para o vasto páteo interior,onde reina a turbulência do recreio, em que se engolfa com a despreocupação e a irresponsabilidade dos primeiros anos da vida...

Fàcilmente, senhores, haveis de ter adivinhado: — o mestre era o Dr. Carlos da Costa Ribeiro, o recipiendário desta noite, e o discípulo menos bom era eu que, ora, através desta solenidade, aqui o recebo, sócio efectivo do Instituto do Ceará...

Como, em verdade, não há de estremecer e transbordar de emoção intraduzível este novo encontro, depois de todo este tempo decorrido, com as suas lembranças e saudades, e nestas especiais circunstâncias?...

Senhores: — Recebeu o Dr. Carlos Ribeiro do seu conspícuo genitor, o Dr. José Carlos da Costa Ribeiro Junior, de saudosa memória, valiosíssima herança beletrística, às voltas que ele sempre andou com a arte literária, embalado, de certo, até à morte, na confortadore crença de que — como a Bocácio escrevia Petraca — "de todas as alegrias da terra nenhuma é tão pura, tão honesta, tão fácil de obter e conservar, tão doce e tão fiel como a alegria que nos dá o trato das belas letras", mesmo porque, na expressiva frase de Shopenhauer, a arte é a única flor da vida.

Redigindo *A Quinzena*, escreveu ele, no primoroso magazine, contos do melhor sabor realista, como *O Bem-te-vi*, *Felicidade* e *A Encruzilhada*, aí perpetrando também a boa crítica literária num ensaio sobre *O Naturalismo*, debaixo da modesta epígrafe de *Apontamentos Esparsos*.

Nos áureos tempos da *Padaria Espiritual* foi um "dos vanguardeiros das letras cearenses".

O Pão está cheio de versos como *Per Musica*, *História Triste* e *Ordem e Progresso*, assinados por *Bruno Jaci*, seu nome de guerra, encontrando-se nele, outrossim, brilhante trabalho crítico sobre Campoamor, que se extende alentadamente por dois dos seus números.

De entre as produções que publicou, infelizmente ainda não enfeixadas em livro, pode ademais destacar-se a tradução rimada do poema "*O Sino*", de Schiller,, aparecida em 1882 e prefaciada pelo então jovem académico Clóvis Beviláqua.

O filho, todavia, renunciou, pròdigamente, à opima e pingue sucessão, a despeito de ter pertencido, em algum tempo, à *Iracema Literária*, e fez, ao contrário, das ciências objecto das suas melhores locubrações e do seu mais persistente trabalho, escrevendo, professando, dirigindo...

São de sua autoria, entre outros estudos de irrecusável valor científico: — *O Cometa de Halley; A gripe no Ceará,* capítulo do livro *A gripe epidémica no Brasil; A frequência da lepra no Ceará,* tese ao Primeiro Congresso de Dermatologia e Sifiligrafia; *As infecções intestinais no Ceará; Orquídeas; Águas potáveis de Fortaleza; Febre Amarela e Peste Bubónica no Ceará; A peste; A vacina de Calmette; A varíola,* etc.

De outra parte, é professor de Microbiologia da Faculdade de Farmácia e Odontologia do Ceará, tendo sido professor de Física do extinto Colégio Militar e do Ginásio S. João, e de Higiene, durante vinte anos, do Colégio das Doroteias, nesta cidade.

Contando com o apoio moral e o eficiente estímulo do Barão de Studart, fundou o *Instituto Pasteur do Ceará,* para tratamento gratuito anti-rábico, o qual ainda hoje dirige, tendo sido Inspector de Higiene do Estado e Presidente do Centro Médico Cearense, e, nesta qualidade, um dos principais organizadores do Primeiro Congresso Médico do Ceará.

Senhores: — Cumpre, contudo, assinalar que, sem fazer profissão das belas letras, o nosso novo consócio deriva às vezes para a crónica, onde faz ressaltarem as preciosas qualidades de clareza, concisão, aceio, equilíbrio e brilho, que distinguem os amestrados cultores desse genero literário...

Sirvam de exemplo, entre outras: — ... *E os Poetas discutem matemática* e *O Chapeu...*

Por outro lado, indiscutível atestação do traço seguro no dizer, do vigor descritivo, do poder de análise e de expressão e do melhor colorido dá-nos abundantemente esse trabalho de fino lavor literário, que ele crismou com o despretencioso titulo de "*Impressões de uma Excursão à Gruta de Ubajara*".

Nestas condições, Sr. Dr. Carlos Ribeiro, exibis as necessárias credenciais para o preenchimento da cadeira vaga com a morte do nosso nunca esquecido João Nogueira, também cultor da ciência, como vós, embora em outro dos seus departamentos. De mais a mais, preocupado sempre em esclarecer, através de artigos de diversa natureza, espalhados em jornais e revistas, e com quem zela ciosamente uma tradição paterna, assuntos relativos à nossa história, aos nossos costumes, ao nosso folclore, e com especialidade à vida pretérita desta cidade que, na sua feição antiga e nos seus velhos hábitos, que vão pouco a pouco desa-

parecendo, constituía o seu pulcro enlevo e de era ardente e carinhoso apaixonado...

Agora, integrando-vos no seu grémio, o *Instituto* conta com o melhor da vossa colaboração, sobretudo e muito especialmente no ingente cometimento em cujo triunfo está com todas as veras empenhado, como se fosse ele o seu mais alto *desideratum*: escrever a *História do Ceará*, segundo o plano pré-estabelecido, já do conhecimento do público...

E porque assim conta, sente indissimulável agrado em confiar-vos a cadeira a que o vosso ínclito antecessor soube emprestar o maior lustre, enquanto a ocupou e serviu...

Sede benvindo!...

De CARLOS RIBEIRO:

Graças vos sejam dadas, Senhor!

Julgo ser um dos que já ingressaram neste respeitável sodalício mais carregados de... verões. De verões, sim, porque, no Ceará, não se podem contar primaveras; e, se fôssemos contar os invernos, os algarismos ficariam docemente aquém da verdade.

Em oposição a tão pesado fardo, entretanto, ninguém entrou aqui tão leve de bagagem científica ou literária. Os números são altos, mas as letras são bem poucas. Isto, porém, não obstou que, de um lado, a desmedida generosidade de um punhado de amigos aqui me trouxesse e, de outro (devo confessá-lo, para ser verdadeiro), eu nutrisse esta ambição.

Posto que tenha plena consciência do meu apoucamento, mais de uma vez sonhei com uma destas cadeiras. Mas, de tão ousado me parecer o sonho, a ninguém jamais o revelei; nem mesmo à minha mulher, a minha confidente de todos os momentos.

Não sei como agradecer-vos a vós, Senhores do Instituto do Ceará, mas sei render graças ao Bom Deus, que a realização de tantos sonhos me tem proporcionado.

Orfão e pobre, aos 11 anos de idade sonhei ser médico e aos 22 o era. Sonhei depois com um lar e Ele me deu a melhor das esposas. Há cerca de 42 anos, em uma festa campestre nos arredores de Fortaleza, eu disse, com profunda sinceridade:

"aprasível vivenda esta! Gostaria de morar em um *cantinho* assim". "Eu também, atalhou uma das jovens presentes, adoro isto". Pois bem: há 22 anos estamos morando ambos, aquela moça e eu, naquela casa, naquele mesmo "cantinho". Sempre parco de recursos materiais, tive o sonho aparentemente louco de conhecer o mundo, de viajar por terras extranhas; e Deus m'o tem permitido, mais do que me prometiam as minhas próprias esperanças. E, agora, condescendeis em abrir-me as vossas portas para que eu ingresse, canhestramente embora, neste meio que tanto me honra e enobrece.

Graças vos sejam dadas, Senhor! E sejam estas as minhas primeiras palavras nesta casa.

x x x x

Conta lenda árabe que um jóvem beduino por longo tempo vagou nos desertos, atormentado pelos "afrites", ou génios do mal. Não conhecia repouso. Mais de uma vez esteve na iminência de ser soterrado pelas areias, ou sufocado pelo Simum. Caiu nas mãos dos Tuaregues e perdeu o seu "Jamal", tendo de cruzar o Saara a pé. Finalmente, foi ter a um oásis, onde, além da água que o dessedentou e das tâmaras que lhe mataram a fome, encontrou a caravana do generoso califa Benalsanari, viajando com toda a sua família e um grande séquito de ulemás, à procura da saúde para um filho.

Benalsanari, "que Allah lhe abençôe os cabelos", diz a lenda, tomou-se de simpatia pelo jovem e lhe proporcionou toda sorte de ventura por ele até então desconhecida, culminando com uma noiva, que era a própria filha do califa. — "Senhor de todas as coisas!, diz o moço agradecido, porque me dás a mim tantas graças, a mim que só desgraças conhecia?" — "Porque não desesperaste", respondeu uma voz por todos ouvida. — "E porque, pergunta então o próprio senhor da caravana, não me dás tu a mim a única que imploro e busco, a saúde do meu filho?" — "Porque não sabes esperar", foi a resposta. E o califa aprendeu a esperar. E a graça foi alcançada.

Se a lenda é desconhecida de todos os árabes, é conhecida de todos os brasileiros, que se deleitam com a fértil imaginação do brilhante escritor patrício que a divulgou.

A palavra "esperar" tem valores mui diversos.

A aparente inércia do esperar muçulmano é confiança a mais absoluta em Allah, o exaltado. Mas a linda poesia de Musset — "L'Espoir en Dieu" não passa de um brado de desespero.

"Une immense espérance a traversé la Terre;
Malgré nous, vers le ciel, il faut lever les yeux" — escreveu Musset; mas precedeu estes magníficos versos destes outros:

"Quoique nous puissions,
"Je souffre, il est trop tard, le monde s'est fait vieux".

E, depois de encarar os sistemas filosóficos de Zenon, Descartes, Pascal, Spinoza e Kant, só vê obscuridades e contradições, suplica ao "Ser desconhecido, que o instinto revela e toda a natureza demonstra", mas termina:

"Si le ciel est désert, nous n'offensons personne;
Si quelqu'un nous entend, qu'il nous prenne en pitié".

Tal dúvida não é esperança; muito menos "Espoir en Dieu".

A música de Beethoven, no admirável estudo em lá menor, com letra de Barbier — "Espoir", convida-nos muito mais, em sua "doçura grandiosa", a esperar, esperar...

No imortal poema de Byron, as últimas palavras de Mazeppa, o *hetman* cossaco, relatando sua incrível correria, atado ao dorso de um cavalo selvagem, são: "Let none despond, let none despair" E, atirado através de florestas ínvias, o reles pagem, martirizado, só, amarrado, nú e sangrento, passou do deserto para um trono.

"To pass the desert to a throne.
Let none despond, let none dispair.

Sonoro lema seria — confiar e esperar.

x x x x

Mandam os estatutos desta casa, como recipiendário ocupar-me eu da obra científica ou intelectual de um dos anteriores titulares da cadeira em que, desajeitado e desajustado, vou sentar-me. Foram eles o Barão de Studart e o Engenheiro João Fran-

klin de Alencar Nogueira, filho ilustre do ilustre primeiro presidente deste Instituto. Dois nomes que me legam uma tremenda responsabilidade.

Depois de tais antecessores cresce de vulto a minha nulidade. Perdoai-me o paradoxo. Bem sei que não há mais zero, nem menos zero. Só há zero. O que é nulo não comporta graus de comparação. Mas crescer de vulto não é acrescentar-se; é tornar-se mais notável, mais evidente.

É quase um desrespeito à memória destes dois grandes cearenses sentar-me eu, ou melhor, sentarem-me a mim na cadeira que foi do Barão de Studart e de João Nogueira.

Do Barão de Studart, que muito me honrou com sua amizade pessoal e tanto me encorajou em muitos passos da vida, desde minha ida, aos 25 anos, para o Acre, e depois, na direcção do "Ceará Médico", até na fundação e manutenção do Instituto Pasteur de Fortaleza e do gabinete de Raios X da Santa Casa (o que tudo proclamo agradecido), por isto mesmo, gratíssimo ser-me-ia falar, celebrar a obra do que foi consagrado — o nume tutelar do Instituto. Mas tanto já se há dito dele neste recinto, no Ceará, em todo o Brasil e até mesmo fora de nossas fronteiras, que não estaria o meu verbo descolorido em condições de registar a menor das verdades, ou tecer o mais leve e ingenuo comentário capaz de despertar o interesse, máxime neste ambiente, onde ele como que ainda vive e em tudo se faz lembrado e a todos os instantes.

O Dr. João Franklin de Alencar Nogueira teve o seu elogio brilhantemente feito, há poucas semanas, neste mesmo recinto, por Alba Valdez.

Não se pode contestar que ler, de novo aqui, o interessante trabalho da apreciada beletrista patrícia seria ainda o melhor. Melhor para o orador, incapaz de fazer igual; melhor para os que não a ouviram e teriam, assim, essa oportunidade; e melhor mesmo para os que a já ouviram e, de certo, lucrariam ouvindo-a mais uma vez, em lugar de quem vos fala.

Mas forçoso é cumprir os estatutos. Paciência.

Os traços dominantes do caráter de João Nogueira eram — bondade e desprendimento. Tinha um afeiçoado em cada conhecido e, como Paul Harris, não tinha um amigo de sobra e inda lhe sobrava muito coração para amar a quantos não conhecia.

Os que viam aquele homenzinho, pequeno, magro, curvo, um descuidado bigode a lhe cair sobre os lábios, olhar suavemente espantado, porém mais indagador do que espantado, uma gravata mal posta e um velho palitó pendurado nos hombros, não podiam fazer ideia da grande alma que ali se ocultava, como que tímida, a querer fugir da curiosidade dos homens.

"Ce n'est ni le génie, ni la gloire, ni l'amour, qui mesurent l'élévation de notre âme. C'est la bonté" — disse Lacordaire. Por isto, para aqueles com quem privava, João Nogueira era outro. A bondade é um predicado tão bonito que torna belos mesmo os que são feios.

Não me recordo onde li a história do "homem bom" que, tendo de atravessar o seu próprio pomar para chegar à casa e vendo, de longe, um outro homem trepado em uma árvore, a lhe roubar os frutos, deu uma grande volta para não ser visto pelo ladrão. Depois, a alguem que lhe estranhara o proceder, explicou: "Se o infeliz me visse, se assustaria e poderia cair e machucar-se". Citarei gestos de João Nogueira muito semelhantes a este, se bem que ele tenha escrito, um dia: "a proteção dispensada aos maus é um roubo que se faz aos bons". Muito do que escreveu era impregnado desta identificação afectiva com os bons.

Quase tudo o que publicou foi inspirado em seu grande amor ao Ceará, à história do Ceará e, particularmente, de Fortaleza, de seus costumes, de suas tradições, seus problemas e seus homens. O pouco que se não refere diretamente ao Ceará, ou é um preito de justiça a um bom, ou o restabelecimento de uma verdade, ou a reivindicação de um direito.

João Nogueira amava ao próximo, não como a si mesmo, porém mais do que a si próprio. "Dava de si, antes de pensar em si".

O seguinte exemplo o mostra: Com a recusa do Engenheiro João Felipe de se encarregar do assentamento da estátua de D. Pedro II, ali na praça da Sé, foi a comissão bater às portas de João Nogueira que, prazeirosamente, aceitou o encargo, impondo apenas uma condição: não receberia pagamento algum por seus trabalhos profissionais. Ele mesmo escreveu em sua miscelânea: — "Raramente realizei trabalho algum com tanto amor e satisfação, quanto o do levantamento desta estátua.

Fiquei pago com a melhor das moedas, que é o prazer íntimo e duradouro de haver prestado um serviço, pequenino embora, à lembrança desse Justo, a quem meu Pai, desde os meus mais verdes anos, me ensinou a venerar. Pois bem. Quase terminados os trabalhos, a "Folha do Povo" de 1 de Setembro de 1913 teceu encómios à perícia com que foram eles levados a cabo, "sob a direcção do provecto e talentoso Engenheiro João Franklin de Alencar Nogueira". No dia seguinte, o mesmo jornal estampou o que se segue: — "O ilustre engenheiro Dr. João Nogueira pede-nos para fazer público, em aditamento à nossa local de ontem, que a montagem do monumento a D. Pedro foi dirigida exclusivamente pelo nosso patrício José Nunes de Melo, a cuja habilidade se deve esse importante trabalho".

João Nogueira era assim. Julgando-se plenamente pago com o só "prazer íntimo de prestar um serviço à memória daquele Justo", até o reconhecimento da população, a gratidão do publico lhe parecia um "lucro excessivo"; e procurava dividir esse acréscimo de paga com os seus humildes operários, sob a direcção do contra-mestre, que era só o que era José Nunes de Melo.

Certa vez assinou, com outros funcionarios da então Estrada de Ferro de Baturité, um memorial justificando um pedido de aumento de salarios. Quando chegou esse aumento foi sòmente para o Diretor, então o Dr. Abraão Leite e para os Chefes de Divisão, entre os quais estava João Nogueira, que se recusou terminantemente a recebê-lo, enquanto todos os demais funcionários não tivessem também a sua melhoria.

João Nogueira dizia-se monarquista. Mas não se encontra em seus escritos nenhum artigo, crónica, ou a mais leve opinião sôbre o regime; nenhuma referência às supostas vantagens do sistema.

Nada mais que simples gestos de simpatia pela Família Imperial, uma grande admiração, um grande respeito pela figura excelsa de D. Pedro II — o Justo, como chamava. Tudo consequência lógica de sua dedicação ao Bem e à Verdade.

Ouso dizer que João Nogueira não era um monarquista, um verdadeiro monarquista por convicção político-social. Era, sim, um amigo da Justiça e um apaixonado da Tradição.

Era um guardião intimorato e intemerato das nossas tra-

dições. Seus artigos contra a demolição da Sé, como aquele intitulado "Gesta tua non laudamus" e as crónicas "Fortaleza Antiga", "O Sobrado do Lucas Torres", "O Cruzeiro da Sé", "Os Congos", "Ruas e Praças de Fortaleza", "O Cemitério Velho e a Casuarina", "O Oitizeiro da Capela do Rosário" e muitos outros, são verdadeiras batalhas em defesa de tradições. Era isto, e um pouco de decepção com a "república que nós temos", que o fazia dizer-se monarquista.

A "Carta Aberta" a Lopes Trovão, quando o impoluto republicano pediu ao Congresso Nacional a retirada de um projecto concedendo-lhe uma pensão e declarou viver satisfeito com sua pobreza, é outro flagrante da nobreza de sentimentos de João Nogueira.

O nosso pranteado amigo não se limitava a escrever contra as injustiças e o olvido histórico. Muita vez procurou corrigir com suas próprias mãos as faltas alheias.

A remoção das cinzas do Boticário Ferreira, retiradas por João Nogueira do anonimato para um túmulo próprio em lugar convinhavel, no cemitério de S. João Batista, com uma lápide condigna, é um exemplo de actos tais.

Assim, em todos os seus trabalhos transparece e impressiona um tal desprendimento, tão grande bondade que agiganta o seu vulto, a projetar-se na história do Ceará.

Só uma coisa parece, à primeira vista, difícil de encarar por este prisma. Parece, mas não é. Como, sendo ele tão profundamente bom, podia ser germanófilo?

Mas, seria ele, de fato, um germanófilo, como diziam alguns de seus amigos?

Se lermos tudo o que escreveu, o que publicou e o que ficou inédito em seus manuscritos, debalde procuraremos uma única palavra em defesa da política alemã, em apoio às atitudes internacionais dos germanos.

Vemos gritos de dor diante da criança alemã — é o grande coração que se move. Há também uma defesa ao sábio teuto, de má fé confundido com o soldado prussiano — é o amor à verdade quem protesta. Mas nem uma linha sequer sobre os pretensos direitos da Pangermânia, sobre a suposta superioridade racial, sobre o programa nazista ou a famigerada teoria do "espaço vital".

Não. João Nogueira não era germanófilo e nem podia ser, com os sentimentos que exornavam o seu caráter, a transparência de sua alma e a delicadeza de seu espírito diáfano. Admirava as qualidades incontestáveis de um grande povo, mas jamais concordaria com a orientação de seus eventuais dirigentes. Era suficientemente bom para não poder ser um nazista.

Quando ele escreveu: "O ódio inventa verdades de que a verdade se horroriza", parecia estar pensando no ódio aos judeus e na teoria do "espaço vital". Quem disse: "Maldita seja a glória que repousa no sangue" — não podia ser hitlerista.

Relata Murilo Mota que João Nogueira se desfez da obra de Taine — "As Origens da França Contemporânea" porque, lendo a descrição da Tomada da Bastilha, "sentiu-se molhado de sangue até o pescoço". E correu a dá-la a um amigo dizendo "não poder mais ter aqueles volumes em suas estantes". E é o próprio João Nogueira quem anota em sua miscelânea que esse amigo era o Dr. Herminio Barroso.

É, pois, uma injustiça chamar de germanófilo quem tal horror tinha ao sangue.

O "Noivo da Cidade", como jovialmente, segundo Alba Valdez, chamavam-no alguns íntimos, era tão cioso de sua noiva, tão apaixonado por sua Fortaleza, que outra injustiça lhe era feita, por isto que o chamavam de "bairrista".

Há duas formas, direi melhor, há duas fases no bairrismo: o bairrismo causa e o bairrismo efeito. Este último se manifesta, muita vez, por explosões do ódio incontido de quem sente proclamada a pequenez, ou a pobreza de sua terra e, incapaz de controlar um sentimento até certo ponto louvavel, lança-se à aventura de paralelos deformados, ou afirmativas exageradas, à guisa de vingança. Mas ivngança bem mesqueniha. Por aqueles, que só para esta fase têm olhos e ouvidos, é o bairrismo malsinado e ridicularizado. E este, ninguém pode, sem faltar à verdade, atribuir a João Nogueira.

Mas existe a outra fase — o bairrismo causa; e ele o tinha em tão alto grau como poucos homens. E' o amor ao pequenino torrão, tão nobre quanto o amor da Pátria, tão doce quanto o amor filial, tão puro, desinteressado e generoso quanto o amor materno, tão natural quanto o amor ao Creador. Só um anómalo não o sente. Este era o bairrismo de João Nogueira.

"A gente desonesta, escreveu ele, não sofre que haja pessoas honradas neste mundo". Mas não me consta que tenha jamais havido alguém tão desonesto em Fortaleza, que pusesse em dúvida a honradez de João Nogueira; ou tão mau que lhe não visse a bondade.

Se era a bondade o traço dominante de seu grande carater de eleição; era o amor à terra que era sua, a meta dos labores literários do "Cronista do Largo da Sé", como o chamou Murilo Mota.

De perto de uma centena de crónicas e artigos que li de João Nogueira, apenas 16 não se referiam diretamente ao Ceará. São trabalhos em que revela, entretanto, sólidos conhecimentos científicos, ou uma vasta cultura histórica, como: "O Aniversário de Netuno", "O Homem e as Forças da Natureza", "O Indicador Mansfiel", "A Descoberta e o Culto do Fogo", "Akhnaton e o Psalmo CIII", "Aztecas e Peruvianos", "Os Judeus"; ou delicadas fantasias, como: "A Benção" e "Morir Si Pura e Bella".

Tudo o mais é o — Ceará.

O Instituto do Ceará, que guarda carinhosamente os originais e as miscelâneas do seu querido morto, vai, em breve, publicar-lhe a obra tão preciosa para os estudiosos de nossas coisas, sob o título "CEARÁ VELHO", aliás, um dos anotados pelo próprio autor para escolha ulterior, quando a pudesse ele mesmo publicar. Obra em que, com a segurança de um técnico e destemor de um forte, encara de frente os nossos problemas, ou se bate por nossas tradições.

Outro aspecto mui simpático do perfil de João Nogueira era o seu devotado amor filial. Muitos episódios poderiam ser citados para ilustrar a influência que o respeito à memória do Desembargador Paulino Nogueira exerceu em toda a vida do filho.

Mas, por desamor ao alongar-me, prefiro ater-me aqui a uma faceta intelectual quase desconhecida de muitos de seus amigos: João Nogueira era um inventor.

Profundo conhecedor dos segredos da Mecânica, grande estudioso da Cinemática e de seus difíceis problemas, realizou um bom número de pequenos inventos, aos quais ele mesmo

parecia não ligar muita importancia. Mas dois foram grandes invenções.

Entre os pequenos, posso citar um "escape" absolutamente silencioso para relógios, abolindo por completo o característico e impertinente tique-taque desses aparelhos.

Agradeço a amigos muito íntimos e parentes do "Joãozinho" (o João Nogueira, na família), principalmente ao seu primo Clóvis Meton, como ele hábil mecânico, os dados sobre os seus grandes inventos, dados ignorados, creio eu, mesmo deste Instituto, em virtude de sua desmedida modéstia e não menor desprendimento.

Quando ainda estudante da Escola Politécnica, o Joãozinho Nogueira imaginou, calculou e desenhou uma turbina para fabricação de açucar, inteiramente desconhecida a esse tempo, mas baseada nos mesmíssimos elementos das que são hoje universalmente usadas. Mostrou seus desenhos a um colega, que os estudou cuidadosamente e, *depois de alguns dias,* devolveu os papéis, sem demonstrar o menor entusiasmo por eles.

Ocupado com os estudos e desprendido como sempre, João Nogueira guardou-os por muito tempo, até um dia ser surpreendido com a notícia de uma turbina para fazer açucar, idêntica à sua, mas... patenteada por uma firma, da qual fazia parte aquele colega.

Que julgam agora que fizesse o nosso jovem inventor? Fez esta coisa inominável: perdoou o colega e não intentou a menor reivindicação.

Mas há melhor. João Nogueira dedicou muitos anos de um labor beneditino a outro invento. Idealizou, calculou e desenhou um tear rotativo. Construiu, com suas proprias mãos, uma paciência incrível e um trabalho insano, a miniatura do aparelho. Fe-lo funcionar e o competente Engenheiro João Tomé de Saboia, então presidente do Estado, viu o funcionamento e se manifestou maravilhado. Muito dos que o viram afirmavam tratar-se de um invenção capaz de revolucionar a indústria da tecelagem.

Pois bem. Depois de tudo feito e a patente obtida, os escrúpulos, a timidez e a modéstia de João Nogueira não lhe permitiram a coragem de organizar a empresa e levantar os capitais necessários.

Ele então (Pasmai, Senhores), ele então fez presente de todos os seus desenhos e da miniatura, que lhe custaram tantos anos de vida, a um primo, o talentoso Engenheiro Jerônimo Teixeira de Alencar Lima, confiando tão sòmente no conhecido espírito de justiça e na generosidade desse homem, realmente honesto e bom.

O Dr. Jerônimo, por sua vez, teve de entrar em entendimentos com um inglês chamado Sutton, que levou os papéis para Londres, de onde voltou, dizendo ser impraticável a construção da máquina, por dispendiosíssima; mas nada restituiu do que lhe fora confiado e nem jamais procurou o engenheiro brasileiro, que havia enfermado gravemente e permaneceu hospitalizado alguns anos, vindo por fim a falecer sem poder fornecer a menor informação a João Nogueira e sem deixar família, pois era inupto.

E João Nogueira viu também findarem-se os seus dias sem poder saber onde foram parar os seus papéis, nem a miniatura e nem uma outra máquina em ponto grande, que deixou quase pronta, na Baixada Fluminense, em casa daquele primo, que ali trabalhava nas obras de saneamento.

Há já alguns anos, uma firma argentina, com capitais ingleses, está fabricando, com grandes reclamos, — teares rotativos. E consta que o inglês Sutton, que veio para o Brasil como simples técnico de tecelagem, morreu milionário. Mera coincidência?

Tudo isto é tão extraordinário, que sinto correr o risco de passar por mentiroso, relatando-o; máxime, não possuindo, como não tenho, documentos comprobatórios e me louvando apenas em informações pessoais. Mas afronto resoluto este perigo, por amor à memória do grande cearense que foi João Franklin de Alencar Nogueira.

Perdoai-me, Senhores, o desalinhavo deste aranzel. "Quem fala cumprindo apenas um dever que lhe é imposto, confia no direito a uma certa complacência por parte do auditório".

É oportuna agora uma explicação. Porque, conhecendo-me a mim mesmo, ousei aspirar e aceitar a investidura, que ora tanto me envaidece?

É simples. Não está na pessoa, e sim na casa, a explicação. Não tenho este Instituto como um cenário para se exibirem dotes

oratórios. Antes o considero: — Uma Escola Onde se Estuda o Ceará. É nesta escola que eu quero entrar.

Muito obrigado.

Do Pe. MISAEL GOMES:

Realizamos cerimónia litúrgica e ritual; vimos receber o eleito do Instituto do Ceará, médico do corpo e sacerdote da ciência: Dr. Josa Magalhães.

Meus Senhores. O nosso sodalício respira uma atmosfera de paz e intimidade e solidariedade de família académica pouco numerosa, porém afeita às prescrições do seu regulamento. Existimos para nos encaminhar a importante tarefa, cada qual no empenho de seu objetivo. Entretanto, que proveito, se com disputas e discussões esbanjássemos o mais do nosso tempo?

Alguns entendem que angusta devera ser a órbita e mais apertado o crivo da nossa amada instituição, ou "importante cenáculo do Estado", como também lhe chamaram, se não ainda "a casa do Barão de Studart", por analogia à de Machado de Assis, na Capital Federal. E blasonam rasteiras maldades da "curiosa benevolência selectiva do Instituto", com prejuízo de "nomes do melhor relicário espiritual do Ceará".

Pode haver equívocos e enganos entre nós; todavia, cumpre saber que esta agremiação não se padronizou pela do Rio de Janeiro, histórica e geográfica, exclusivamente; muito menos pelas congéneres de antigas Províncias, hoje Estados. Daí a denominação "Instituto do Ceará", com toda a sua singeleza.

Os Estatutos de 24 de Março de 1887 deixaram assente, desde o seu 1.º artigo, que "O Instituto do Ceará tem por fim tornar conhecida a história e a geografia da Província e (atentai bem) concorrer para o desenvolvimento das letras e ciências".

Já houve nesta capital, depois de uma Academia intitulada "Academia Francesa", que contou nomes muito principais na vida sócio-urbana, houve o "Gabinete Cearense de Leitura", fundado aos 2 de Dezembro de 1875, instituição que relevantes serviços prestou e a cujos iniciadores, Dr. António Domingues da Silva, Vicente Alves Linhares Filho, Joaquim Álvaro Garcia, Francisco Perdigão de Oliveira, juntou-se nova plêiade, do Dr.

Guilherme Studart, Júlio César da Fonseca Filho, Virgílio Augusto de Morais, José Pompeu de Albuquerque Cavalcante... Todos estes da última série mencionada tomaram parte no quadro dos fundadores do Instituto do Ceará, 4 de Março de 1887.

E no afã ou diligência viveram, de comissões no Instituto, uma para assuntos de História, Geografia e Estatística, e outra para Ciências e Letras. Até hoje, já 61 anos decorridos, além da primeira comissão de História, Manuscrito e Arqueologia, a segunda de Geografia, Etnografia e Ciências Sociais, ainda uma terceira esguarda de modo especial as Ciências e Letras.

Signo evidente esse de que, fundada com o decidido intuito de estudar máxime a história da Província (hoje Estado), adapta-se a várias atividades intelectuais, a nossa agremiação, velho carvalho à cuja sombra, desde o começo, brilharam filólogos, homens da imprensa ou do direito (magistrados, professores e advogados), engenheiros, sacerdotes e, vai para dois lustros, a personalidade destacada do Arcebispo D. António de Almeida Lustosa.

Dos melhores embargos e última resposta aos desafectos ou descontentes, o discurso do Dr. Carlos Ribeiro, oração de sua posse e trabalho de invejar, pelo brilho dos conceitos, nobreza de sentimentos e chave de oiro. Rematou com dizer que não veio aqui por exibição de dotes; sim, para estudar e amar cada vez mais o nosso Estado.

Justifico esta impertinência, este cavaco de minha parte, com o desejo de um mundo melhor, anseio de harmonia entre irmãos, e da vitória ou lógica do pensamento nalma dos homens.

O festejado desta noite, sobre preencher o lugar de Eusébio de Sousa no Instituto, lembra um grande fisiologista, o pai da medicina actual, Cláudio Bernard. É que ambos, médicos, deixaram-se também conduzir, vida fora, por inclinações diferentes da medicina.

Bernard iniciou como aprendiz de farmácia, quando toda a sua inclinação era para o teatro. O aprendizado dava-lhe mui rara folga; mas era de vê-lo então, nas galerias, apreciando esquecidamente os atores. O moço sentia-se fascinado pelo mundo alegre e fictício das comédias, operetas e peças chistosas.

O nosso conterrâneo, já médico, experimentou a seu turno inclinação para a ciência da História, adregando, sucedendo a

propósito de o escolherem membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba. Sua tese "O sentido evolutivo da História", ele apresentou ali, na cidade de João Pessôa, por ocasião de um concurso no Liceu do Estado, 1934. De volta ao Ceará, para logo entrou no Instituto do Nordeste e deu remate à sua obra de relevo: "Medicina Foclórica do Nordeste".

Perdoai, meus Srs., ainda a referência que vou fazer, talvez imodesta, não sei. Ao cabo de meus estudos no Pontifício Colégio Pio Latino Americano e na Universidade Gregoriana, antigo Colégio Romano, honrosos convites pessoalmente recebi do Exmo. Cardeal Arcoverde que, na Cidade Eterna, me ordenou subdiácono; do Arcebispo de S. Paulo, D. Duarte Leopoldo, e do 1.º Bispo de Campinas, D. João Néri, para que eu ficasse pelo Sul, incardinado ao clero dali. O amor, porém, ao Ceará era um sonho de oiro e toda a minha paixão.

Não se diz que o Ceará é a "Terra da Luz"? Pois de todas as flores digo, parodiando Michelet, a flor humana a que tem mais necessidade de luz.

Cheguei a desempenhar por um ano o ministério sacerdotal na Arquidiocese do Rio, mas acertei a minha traça, porque cá estou, espero aqui acabar os meus dias e sepultar-me no seio desta gleba idolatrada.

Por onde compreendo, perfeitamente, a maneira de agir do Dr. Josa Magalhães: ardeu-lhe deveras e realmente a chama patriótica. Nascido em 8 de Janeiro de 1897, na tradicional Meca cearense, Canindé, fez os preparatórios no Liceu do Ceará e estudos superiores na Baía, não havendo nessa época Faculdade de Medicina entre nós. Foi mais tarde Director do Departamento Municipal de Assistência e Saúde Pública na Paraíba, assim como Delegado de Higiene no mesmo Estado. Marcante, ali transcorreu a sua actuação profissional, social e cultural. Apesar de tudo, quis regressar aos velhos penates e assim o fez, com o alvoroço de todos os que já dobraram a alvissareira ponta do Mucuripe.

Viu-se logo integrado no Centro Médico Cearense e, em suas veias, corre o sangue dos Cordeiros e Magalhães, importante família também do Padre José Barbosa de Magalhães, seu primo, figura de prol no Conselho Arquidiocesano e professor desde longa data no Seminário de Fortaleza.

Nem olvidarei que a tese doutoral, sobre o *Estrabismo e o seu tratamento cirúrgico*, merecera aprovação distinta, depois do que, Josa Magalhães escreveu artigos em revistas especializadas das capitais da Paraíba e Pernambuco, assim como da Metrópole carioca. Estou que a medicina, apesar de falhas, erros e tentativas, continua um dos grandes triunfos do espírito humano. Destarte, comungo da sua maneira de sentir, pensar e dizer, de forma aliás cuidadosa e elegante.

Proscrito de sua cidade, o vate florentino pediu asilo através da Itália, para concluir em Ravena a Divina Comédia; Camões buscou refúgio na gruta de Macau, por concluir a epopeia dos Lusíadas; Colombo chega ao convento de Rábida na Espanha, onde se lhe depara a boa vontade e esforço de Fr. João Pérez junto à rainha de Castela. Sob igual feição, o conterrâneo amigo, o doutor em ciências médico-cirúrgicas, Josa Magalhães, pediu guarida ao nosso Instituto, para melhor aprofundar os conhecimentos deste berço de varões insignes, mas terra sofredora, terra mártir.

Houvéramos de bater-lhe a porta? De certo que não.

Invés, os do Instituto fazemos-lhe acatamento e, neste, pomos nosso carinho, o mais imaculado carinho espiritual.

Num santuário de almas beneditinas, colmeia de estudiosos, saúdo pois o discípulo de Hipócrates, quase digo o neo-sacerdote que, ao nosso encontro, veio com a oblata de sua experiência, cultura e todo o ardor do seu patriotismo.

Dr. Josa, caro consócio: que Deus lhe ouça os lídimos desejos, acresça-lhe o valor de sua oferenda e alcandore a oração que vamos ouvir prazeirosamente, e auspiciosamente.

De JÓSA MAGALHÃES:

Atinar não pude ainda com a suprema decisão da vossa preferência que julgou por bem conduzir-me à cadeira vacante de um historiador ilustre que pertenceu a esta Casa. Ao receber o vosso honroso convite para figurar entre vós criou-se-me uma situação assás embaraçosa. Aceitá-lo seria uma responsabilidade sobremaneira vultosa, que havia eu de assumir perante

vós; não aceitá-lo valia desdenhar, desairosamente, a finura da vossa cortesia que tanto me desvanece e muito me cativa. Atentando nas fortes razões da segunda hipotese e tendo em mira, na primeira, a circunstância singularíssima de que, não tendo eu feito timbre em aqui vir como socio, diminui a minha responsabilidade, do mesmo passo que aumenta a vossa perante os foros desta Casa, tomei a resolução de consentir. Posteriormente, a generosa unanimidade dos vosos sufrágios, superhonrosa para mim, me conferiu a disposição de evadir qualquer temor de responsabilidade. Fio, porém, que, desta feita, fostes logrados na bôa fé que sempre costumais pôr na selecção dos modelos de cultura que honram este Instituto. Tivestes obnubilado o vosso discernimento de escolha. Deitastes à margem o zelo extremoso que nunca deixou de presidir à renovação dos vossos pares. Descobristes em mim, finalmente, índices culturais que julgo de todo em todo inexistentes, pois os de que disponho são insuficientes, não darão lustre a este Sodalício.

Reconheço que, nesta Casa, sem bulha nem suído, todos laboram encadeados num grande entusiasmo: nela há um trabalho intelectual útil, sistematizado, harmônico, sinérgico e, a preceito, distribuído. Todos têm delineada a sua tarefa a executar. E onde há trabalho organizado nunca deixa de haver excelência de produção. E é o que se aqui verifica. Altos padrões de inteligência, onde se processa a cristalização da nossa cultura, trabalham em obséquio da nossa literatura, da nossa história, dos nossos costumes, das nossas tradições e dos aspectos regionais da nossa língua. É, destarte, que se pesquisa com deliberado empenho e, manso a manso, se erige o soberbo monumento da nossa cultura. Dir-se-ia, não sem um pouco de ênfase, ser o período catabólico do nosso metabolismo cultural. Compreendo que esta ilustre companhia alcançou assinalado poderio cultural, percebo que admirada e ambicionada ela é e sei que é, sem favor, a instituição mais representativa da cultura cearense. Ilustre homem de letras disse uma vez ser este Instituto a coisa que unicamente se levava a sério no Ceará. Nesta conformidade, tomei-me do convencimento de que, na vossa ilustre privança, então, poderei haver cultura. Mas, de logo, poder-se-á obtemperar que esta é uma hipótese sobreposse contingente porque erudição se não grangeia por contacto nem por osmose. Cultura

é estudo, meditação, discernimento, produção. Convenho, pois, nestas possíveis observações.

Todavia, estou que poderei tonificar o espírito com as emanações do vosso saber e a fruição da rica seiva das vossas inteligências.

Aqui não ficam, ainda, as minhas justificativas e advertências.

Euclides da Cunha, ao deitar famosa prefação aos "Poemas e Canções" de Vicente de Carvalho, pronuncia-se do seguinte teor: "Aos que se surpreenderam de ver a prosa do engenheiro antes dos versos do poeta, direi que nem tudo é golpeantemente decisivo nesta profissão de números e diagramas". Maior surpresa poder-se-á ter vendo-se um médico ocupar a cadeira de um bacharel-historiador. Mas a quem assim se surpreender, tornando minhas as palavras do Prof. Aristides Novis, direi, claramente, que "o contraste é das coisas um atributo universal". Parece que a natureza se compraz em mudar a face a todas as coisas. De par com o bom está o que não presta, em face do útil o inútil existe, ao lado do verso encontra-se o reverso. Em tudo há contrasteação flagrante ou aparente. Daí ser o meu caso uma ocorrência de todo o ponto natural. Integro, nada mais nada menos, que uma condição precípua da natureza. Demais, não se cuide que o médico, espiritualmente, viva, só e só, engolfado nas leituras da sua ciência. O médico, como todo homem de ciência, tem necessidade de cultivar as letras. A linguagem científica, qual a do médico, deve de ser sóbria no vocabulário, precisa na estrutura e clara na expressão dos conceitos. E não se poderá escrever com sobriedade, clareza e precisão sem da língua ter suficientes conhecimentos.

Prado Valadares, mestre sapientíssimo de cultura refulgente, disse uma vez que "a vestidura verbal em desleixo e desalinho desfavorece a expressão, coordenação e sistemática dos factos e juízos que são composição e trama da ciência mesma". Ao médico, como a qualquer outro indivíduo de cultura especialisada, é lícito fazer incursões em qualquer ramo do saber humano. Daí aos médicos não ser defeso o templo augusto em que se rende culto às letras, à história e a ciências outras. Nesta própria Casa já vimos Esculápio de braços dados a Clio. O seu historiador mais famoso e especulativo foi um médico. Mé-

dico ilustre foi o Barão de Studart. Historiador notável foi o próprio Barão.

Sem ser literato nunca me faltou jamais o amor das letras. Posto haja eu escrito uma tese de concurso — O SENTIDO EVOLUTIVO DA HISTÓRIA, um ensaio sobre a escravidão negra e uma conferência acerca da revolução de 1817, não sou historiador nem pretendo sê-lo. Certo não tereis em mim o continuador dos estudos históricos a que o meu ilustre antecessor se entregara com ânimo, critério e sinceridade. No tocante à natureza de meus estudos, terei outras preferências e, consequentemente, rumo diverso tomará o meu espírito. Meu temperamento se compraz com a tradição oral do povo nas suas múltiplas manifestações, sobrelevantemente no que toca ao folclore, às superstições e à linguagem popular. Tentarei, pois, ser um garimpeiro destes filões inexauríveis de milentas preciosidades.

O meu ilustre antecessor, núper-desaparecido e ainda pranteado, singularizou-se no estudo da história, notadamente da nossa história militar. Teve ele bem presente aquilo que Fichte exigia a quem quisesse estudar e fazer história: lealdade e honestidade. Não preencheu, porém, as condições que estabeleceu Oliveira Lima para um historiador moderno: ser esteta além de erudito. Mas, refinamentos de exigência são estes que nem o próprio historiador de "O Império Brasileiro" satisfez plenamente, porque, em verdade, não reune ele estes dois preceitos. Se Oliveira Lima foi erudito na especulação dos factos, deixou de ser esteta no jogo das palavras e no concerto dos períodos. Nas suas páginas, a reveses, inexistem os requisitos estéticos de bom gosto, pois que claudica o seu estilo sem plasticidade, precisão, unidade, clareza e elegância. Isto, porém, não desvalia o alto preço de sua obra.

Eusébio de Sousa, sem orientar-se pelas operações analíticas, críticas e sintéticas que tipificam a historiografia científica, não deixou, porém, de, uma vez que outra, temperar as suas digressões com um pouco de espírito filosófico e algumas reflexões sociológicas. Pelos estudos dos factos atingiu o seu fim como historiador pragmático. O pragmatismo, segundo a conceituação dos antigos, é maneira superior de construir-se a história e considerada é a sua forma clássica. Alguns historiadores a consi-

deram o modelo mais perfeito da história. É a chamada MAGISTRA VITAE. Propõe-se a instruir os contemporâneos com os acontecimentos do passado, sobretudo exaltando-lhes os sentimentos patrióticos. Considera, em tudo, a utilidade e os efeitos práticos. Faz narração dos factos procurando tirar com isto o máximo de proveito e ensinamento. É na fase pragmática que o passado tem aplicações no presente. Há nela, já, cogitações críticas e filosóficas. Diz Garcia Villada que o pragmatismo histórico "é sumamente útil para formar o público, os governantes e, sobretudo, a juventude, pondo-lhes ante à vista os retrocessos e as heroicidades de seus antepassados, afim de fortalecer o seu patriotismo e excitar o seu entusiasmo e o desejo de imitá-los".

Adstrito a este conceito clássico, fez Eusébio de Sousa trabalho prestantíssimo, reunindo e condensando em excelentes biografias o que esparso havia sobre Tiburcio e Sampaio, Sampaio e Tibúrcio duas vidas engrandecidas no serviço da Pátria e que, pela sua varonilidade, bravura e inteireza de carácter, são figuras capitulares dos nossos fastos militares. Sou do mesmo sentir que Álvaro Lins: "uma biografia tem mais consistência do que uma estátua em praça pública". A estátua é um retrato estático, uma figura decorativa, um elemento de adorno. A biografia, sobre ser um retrato vivo e dinâmico, fonte é de ensinamento e exemplos a seguir. Eusébio, com suas biografias, fez, pois, muito mais que os escultores das estátuas de Sampaio e Tibúrcio, que adornam duas das nossas praças. Se fez história que instrui, história recheada de ensinamentos para os contemporâneos e os pósteros, teve, pois, o grande mérito de ser moralista.

A *Tibúrcio* e a *Sampaio* não se restringem as suas publicações; outras mais escreveu. Em 1933 publicou a monografia subordinada ao título — A IMPRENSA DO CEARÁ, DOS SEUS PRIMEIROS DIAS AOS ATUAIS. É trabalho minudencioso, em que estuda a evolução da nossa imprensa, as suas lutas e a sua actuação nos movimentos político-sociais de âmbito nacional, como o da Abolição e o da República. É, sem favor, uma contribuição de real valor para a história da imprensa brasileira. MEIO SÉCULO DE EXISTÊNCIA: com esta denominação deu à publicidade em 1937 alentada memória de 391 páginas, em

que põe em relêvo a vida, a mental actividade e as gloriosas tradições do INSTITUTO DO CEARÁ no decorrer dos seus primeiros 50 anos de existência. É valioso roteiro de informações que nos forneceu para a história da nossa inteligência. Luís da Câmara Cascudo, a propósito, em carta dirigida em 17 de Agosto de 1937, diz o seguinte: "Muito agradeço o envio do livro do Instituto. É magnífico. Os cinquenta anos da Casa do Ceará ficam registrados com inteligência e expostos com clareza". E Leonardo Mota, em crónica publicada, acentua: "É um dos livros que hão de ser sempre lidos com interêsse e aproveitamento". TRIBUNAL DE APELAÇÃO — SÍNTESE HISTÓRICA — DADOS BIOGRÁFICOS. É outro livro em que o Dr. Eusébio de Sousa reafirma os seus dotes de pesquisador infatigável. Nele descreve a história da nossa alta Corte de Justiça e condensa em ligeiras biografias as figuras excelsas dos nossos ilustres magistrados. É fonte de valor inestimável para a história da magistratura de nossa terra. HÁ CEM ANOS... (FATOS DA CONFEDERAÇÃO DO EQUADOR, NO CEARÁ) é, a meu sentir, um dos seus melhores livros. Revive os factos da República do Equador no Ceará com minúcia, exactidão, clareza, patriotismo e sempre arrimado em lídima documentação. Com o título OS TAMBORINS editou um opúsculo em que enumera e biografa, a traços rápidos, os diversos militares pertencentes a esta ilustre família cearense. Este trabalho foi premiado em 1943 pela Biblioteca Militar, de que faz parte. De abundante bibliografia coligiu Eusébio farta messe de elementos com que organizou o ANEDOTÁRIO DA GUERRA DA TRÍPLICE ALIANÇA. No género é livro muito interessante e onde se retratam a psicologia e o bom humor das grandes figuras que constelaram aquela campanha. "É inestimável o valor educativo dessas historietas simples, onde encontramos a exaltação do heroísmo e da bondade dos brasileiros de antanho". Foi editado e premiado pela Biblioteca Militar, em 1944. Além desses livros, publicou Eusébio de Sousa diversos folhetos e inúmeros artigos na imprensa cotidiana. Entre os seus trabalhos inéditos contamos: CEARÁ DE ONTEM, que se compõe de uma série de estudos acerca da história do Ceará. Nele, apoiado sempre em documentação veraz e ao través de narrativas simples e atraentes, relembra e esclarece usanças do nosso povo e factos fragmen-

tários da nossa história. É livro cuja leitura lisongeia o nosso espírito de cearense. OS PATRONOS DO EXÉRCITO, cujos originais foram enviados à Biblioteca Militar. Nele, sucintamente, o autor biografa os nossos principais cabos de guerra que servem de Patrono ao Exército e às suas diversas armas e serviços militares. TRADIÇÕES MILITARES, em que se enfeixam trinta crónicas, já publicadas na "Gazeta de Notícias", sobre assuntos militares, e, finalmente, a HISTÓRIA MILITAR DO CEARÁ, que é uma das 26 obras que, organizadas, distribuídas e publicadas por intermédio do Instituto, constituirão, conjuntamente, o monumento da nossa cultura: a História Geral do Ceará. A HISTÓRIA MILITAR DO CEARÁ afigura-se-me trabalho notável que denuncia, flagrantemente, a cultura do seu ilustre autor. É trabalho que se ombreia com a "Proto-História Cearense" de Pompeu Sobrinho e a "História Económica do Ceará" de Raimundo Girão. Não esbarraram aí os grandes serviços que, ao Ceará, prestou Eusébio de Sousa. Outros, igualmente valiosos, prestou ele, pois, durante 19 anos, com independencia e justiça, serviu à Magistratura da nossa terra. Foi juiz municipal em Icó, de 1908 a 1909. Em 1909, no mesmo cargo, transferiu-se para Quixeramobim, onde permaneceu até 1912. Em 1913 alçou-se a Juiz de Direito de Assaré, onde permaneceu alguns meses, sendo transferido daí, em igual cargo, para Ipu, a cuja comarca serviu até Fevereiro de 1918. De 1920 a 1922 foi Juiz de Direito de Russas e, de 1922 a 1927, de Quixadá. Em 1927, desejoso de vir para Fortaleza afim de educar convenientemente os filhos, teve de recorrer a uma aposentadoria prematura. Aposentado e fixado em Fortaleza, entregou-se à advocacia, que lhe não proporcionava sinão débil recompensa em relação ao dispêndio de energias para este fim postas em acção. O seu espírito se não adaptara integralmente a esta nova condição de vida. Nesta conjuntura, ao Governo do Estado solicitou a sua reversão ao serviço público. Por acto de 20 de Novembro de 1931 o Interventor Carneiro de Mendonça designou-o Diretor do Arquivo Público, então recentemente criado. A escolha não podia ter sido mais acertada. Eusébio ia funcionar num ambiente que lhe proporcionava satisfação: lidar com arquivo é rever coisas do passado. E nada mais dilecto à sua inclinação perquiridora que entregar-se a esta

faina. O seu espírito de organizador não quebrou das suas promessas. Em breve tempo estava organizado o Arquivo. Porém não ficou, ainda, aí, a sua actividade. Pôs por obra a criação do Museu Histórico. Mercê de esforço continuado e sem desfalecimentos, em pouco tempo tempo logrou a sua instalação definitiva.

* * *

Se o homem vale na proporção do esforço que se impõe, a Eusébio de Sousa não podemos regatear valor, porque seu esforço foi imensamente grande e grandemente orientado a pró de um ideal que ambicionava realizar. Com muita razão disse uma vez Leonardo Mota: "A eleição de Eusébio de Sousa para o Instituto e sua escolha para o cargo de primeiro Secretário foram conquistas esplêndidas para a douta corporação. Porque êle é desses homens que sabem querer. Quando forma um projecto vai até a realização integral do mesmo, arrostando óbices e contratempos que entibiariam ânimos um pouco menos voluntariosos." E disto, nesta Casa, deu sobejantes demonstrações. Eusébio, seja na situação de simples sócio, seja na condição de Secretário, nunca deixou de ser um trabalhador indefectível. Na Secretaria tudo corria bem pelos moldes da sua diligente direcção. E toda vez que o Instituto lhe cometia uma obrigação era de ver-se a satisfação de que se tomava e o interesse que punha no cabal desempenho da sua tarefa. E, num trabalho probo, lento e porfiado, construiu uma grande obra. Compendiada em diversos livros e numerosos folhetos, é esta, de facto, vasta e várias facetas oferece que denunciam as suas tendências espirituais. Demais, imensa é a mó de artigos decorrente da sua colaboração nas colunas da imprensa onidiana. Á imprensa dedicou a maior parte da sua operosidade. Foi sobretudo um homem de imprensa, consoante já frisou Martins Filho. Patenteia-se a igual passo, um historiador conciencioso que indagou, perqueriu e esmerilhou o passado, dele exumando documentos esclarecedores da nossa história, forrageados em surgentes evidentemente puras. Daí muito haver-se beneficiado o Ceará com suas pesquisas históricas, de que nos restam as obras de valor inestimável supra-relacionadas, obras

de finalidade eminentemente patriótica, sempre inspiradas num sentimento bom de profundo amor à nossa terra. Meus senhores! Eusébio de Sousa foi historiador, foi jornalista, foi patriota, foi moralista. Tudo isto e mais ainda: Juiz de toga ilibada, amigo sincero e dedicado, e, sobretudo, singular chefe de família.

* * *

Pondo remate ao amontoado de palavras que venho de proferir, corre-me obrigação impreterível de, pessoalmente, dirigir-me a vós, Revmo. Padre Misael Gomes. Se nunca tive de vós uma aproximação que me facultasse, num convívio pessoal, as vantagens dos tesouros do vosso coração e das vossas ideas, não é nupérrimo, entretanto, a minha devoção do vosso luminoso espírito que todo o mundo conhece e admira, seja no púlpito sacro, seja na tribuna profana, ou seja, ainda, na cátedra magistral. Com suma cordialidade, superlativa fidalguia e ares de acentuado apreço, acabais de abrir-me, de par em par, os vetustos portões do Instituto do Ceará. Aceitai, pois, Revmo. Padre Misael, as expressões lídimas do meu agradecimento à desmedida generosidade das palavras com que vos dignastes receber-me nesta Casa de estudo, meditação e saber.

De DOLOR BARREIRA:

O "Instituto do Ceará" recebe, esta tarde, e incorpora ao seu augusto grémio, o seu recém-eleito e novo sócio — Fran Martins.

E assim jubilosamente o incorporando — seja de logo salientado —, investe-o numa onerosíssima sucessão, qual a que com mão pródiga nos legou Leonardo Mota, dilecto consócio há pouco roubado ao nosso convívio e às letras nacionais, e a que Fran Martins vem aqui substituir.

E' um cultor das belas letras que sucede a outro cultor das belas letras. E' um beletrista que outro beletrista continua.

Porque esta qualificação consagradora a ambos quadra e se ajusta de maneira acentuada e iniludível.

Leonardo Mota, senhores, acordou para a vida fazendo poesia.

No Colégio S. José, de inesquecível memória e onde éramos condiscípulos e amigos, emquanto o professor explanava a lição, ele rabiscava versos, que emendava, substituía, polia e repolia, na tortura da forma, sófrego e faminto de perfeição.

Lembro-me que foi assim composto, quase todo, em diversos sonetos de metro alexandrino, conforme a moda em voga, um poema a que deu o nome de —"*Nuvens*" —, que não sei que fim levou, mas que sem dúvida destruiu, na ância insaciável e excruciante de coisa melhor .

Era isto por volta do ano de 1908.

Mais tarde, em 1909, 1911 e 1912, nesta cidade de Fortaleza, para onde nos transferíramos afim de concluir o curso ginasial, frequentando a Revista "*Jangada*", que então aqui se publicava, sob a redacção, entre outros, de Mário Linhares, Ulisses Bezerra, Elcias Lopes, Liberato Nogueira, José Gil Amora e José Aguiar, encheu Leonardo Mota as suas páginas de sonetos e de poesias outras, pertencentes, todos, a um livro inédito, que se chamaria — "*Vozes d'alma*" —, infelizmente nunca vindo à luz.

Transcrevemos, à guisa de amostras, algumas dessas produções, de certo a muito poucos conhecidas: pois o poeta obscureceu-o e submergiu-o o homem das cantigas sertanejas e das coisas eclesiásticas. Vereis que, alheio a convenções poéticas, distanciado de cânones, ele vai rimando musicalmente o que interiormente vai experimentando e sentindo.

BEIJOS

Teu beijo que será? Se eu, algum dia,
Poder saber a essência misteriosa
Desta cristalizada sinfonia,
Descendente do pétalo da rosa,

Hei de dar-lhe os encantos da Poesia
Na rima de uma estrofe dulçurosa...
E dedilhando a lira harmoniosa
Tu ver-me-ás radiante de alegria!

Não tarda esse momento! A tantos beijos
E a tanto amor repleto de desejos
Algo moveu-te, imaculada flor...

Has de dizer-m'o um dia quando a vida
Abrir-se para nós, indefinida,
N'alma ventura do primeiro amor!...

LUTA

O teu corpo gentil, gentil senhora,
De cuja sombra e suspirado abrigo,
Há muito, me seduz, é a tentadora
Cidadela ameaçada do perigo.

Planejo em vão. Em vão digo comigo,
Fortalecendo a tática invasora:
"Beijos, tornai-vos a metralhadora
Daquele corpo hostil, meu inimigo!

Beijos, em posição! Sentido, abraços!
Parti trazendo nos formosos laços
A formosa habitante da cidade".

Mas, ai! eu silencio estes alarmes
Porque teus seios, como dois gendarmes
Altivos guardam tua virgindade!...

MAL IGNOTO

Escrevo e penso em ti, em meu destino, em tudo
O que nos faz sofrer, que nossa alma tortura,
E a parca inspiração do meu peito transmudo
Nesta estrofe sem vida, inanimada e escura.

Pudesse traduzir neste hemistíquio mudo
Minha dor, tua dor, a comum desventura,
Que sofremos na vida, ermos de um só escudo,
Este verso seria esplêndida gravura!

Mas não. Ele há de ser francamente banal,
Sem resquícios de luz, sem o fogo ideal,
Com que Deus ilumina as almas predilectas...

Triste de mim, de ti, aos caprichos da Sorte
Sempre entregues, buscando, impacientes, a Morte
Que sepulte conosco estas máguas secretas!...

PEDRA

Pedra que eu amo, pedra confidente
De todo o mal que o coração tortura,
Tu, que tens a serena compostura
De quem da vida a inquietação não sente,

Tu, que vives de todo indiferente
Ao lodaçal desta charneca impura
Que nós chamamos mundo, *pedra escura*
Que eu te cobice a placidez consente !

Pudesse eu ter a calma soberana
Que tens, em vez da agitação insana
A sacudir meu peito de precito...

Faze-me, pedra, à tua semelhança:
— Dá-me o socego, a plácida confiança,
Faze desta alma um bloco de granito !

BALADA

Sob os raios da lua alvinitente
Certa noite eu andava a espairecer,
Levando a fervilhar na minha mente
O lirismo rebelde do Prazer.
A rua escampa, inquieto, a percorrer,
Nenhuma sombra divagando eu via.
Era a pétrea calçada álgida e fria...
Subito, ouvi a música sensual
De uma cantiga alegre que dizia:
— "Esperemos a noite nupcial"...

Quedei. A ronda ia a passar, dormente,
Cumprindo o seu notívago dever.
E no alto a lua andava impaciente
Como o estrelário altíssimo a pascer.
No entanto a mesma voz vinha morrer
Ao pé de mim em lúbrica harmonia
E aquele mesmo verso repetia,
De estribilho talvez verso final,
Todo ungido de graça e de poesia:
— "Esperemos a noite nupcial"...

E preso de um sonhar inconciente,
Senti meu coração adormecer...
E meu sonho povoou-se do que sente
Nossa imaginação no enlanguecer:
Como pode a volúpia entontecer:
Vi em cada janela erma e sombria
Um busto de mulher e a melodia
Do beijo afigurou-se-me ideal,
Mesclada àquela música erradia:
— "Esperemos a noite nupcial"...

O f e r t ó r i o

Meu amor, se quiseres algum dia
Acalentar a louca fantasia
Do peito onde és imperatriz real,
Ai, canta aquele verso que dizia
— "Esperemos a noite nupcial"...

Por aquele remoto ano de 1909, senhores, Leonardo Mota também publicou sonetos no jornal "A República", sob o amparo e o estímulo de Carlos Câmara... Apenas acontecia que Carlos era, às vezes, perverso com o novel colaborador: empurrava-lhe os sonetos lá para os logares escusos da segunda e da terceira páginas do jornal, entre sórdidos anúncios de bacalhau e sabão, como explica em resposta a "O Nordeste" o próprio Leonardo Mota, que acrescenta: "Mas eu não dava cavaco, e não

perdia a esperança de, um dia, ser carinhosamente transferido da cozinha para a sala de visitas".

A esperança, de resto, teria, pouco adiante, a mais esplêndida e vitoriosa realização.

Em 1913, no Ipu, arrebatado nos enleiantes e santos lirismos da paternidade, escreveu Leonardo Mota a poesia — "Moacir "— em que cumpre, rigorosamente, os únicos deveres que, no opinar de Bilac, hão de ser impostos ao poeta: sentir, com toda paixão, e exprimir, com sinceridade e pureza de forma:

Meu filho ainda não tem um ano feito...
No entanto dele é todo o afecto meu:
Porque já me tem feito amar a vida
Nesses trezentos dias que viveu.

Minha filosofia desvairada,
Meu ceticismo apático, profundo,
Tudo isso se desfez, se dissipou
No dia em que meu filho veio ao mundo.

Moacir é o seu nome! Moacir!
Moacir quer dizer "filho da dor"...
Dei, mesmo de propósito, este nome
Ao primogénito do meu Amor...

O nome do meu filho fotografa
Todo um temperamento original...
O nome do meu filho denuncia
A história toda de um Sentimental!

Vós, que o vedes sorrindo alegremente,
No seu olhar puríssimo observai:
De sua Mãe a angélica bondade
E o romântico gênio de seu Pai...

Seu riso é feito de tonalidades
Metálicas, alacres, cristalinas...
Desafia o trinar das patativas,
Nas matinais orquestras campesinas.

Uma vez que ele ria alto, aos gritinhos,
No jardim da casinha em que moramos,
Eu vi que dois canários, admirados,
O escutavam extáticos, nuns ramos.

Logo que ele crescer, eu, comovido,
Hei de ensinar-lhe a ler, cheio de enlevo,
Afim de que, em família, ele recite
Estes líricos versos que ora escrevo.

Eu hei de envelhecer sempre a cantar,
No meu ideal de poeta e sonhador,
Ensinando a meu filho idolatrar
A Honra, a Pátria, a Poesia, o Amor.

Quando meu filho for um homem feito
E os meus cabelos estiverem brancos,
Nós seremos na vida dois amigos
Leais, sinceros, generosos, francos!

O meu ideal na hora de minha morte,
Nos desta vida terminais escolhos,
E' ter meu filho à minha cabeceira
A cerrar as cortinas dos meus olhos.

Leonardo Mota, senhores, na sua peregrinação pelas tortuosas veredas do espírito, continuou sempre homem de letras, da cabeça aos pés, no incisivo dizer de Assis Barbosa, em referência a António Alcântara Machado.

De mais a mais, se rumou algum tempo na direcção do *folk-lore*, de cujos opulentos veios nos trouxe esses três livros notáveis que se chamam "Cantadores", "Violeiros do Norte" e "Sertão Alegre", foi, sobretudo e essencialmente, o artista da palavra, no discurso, na conferência, na crónica, géneros em que foi mestre consumado e inigualável.

A sua preocupação capital era a frase, que havia de sair-lhe da pena pura, escorreita, aprumada e elegante, pois, ele tinha a convicção de que, como alguém disse algures, é obsceno o que é mal escrito.

Nesse sentido, como diria o egrégio lapidador de "Ouvir Estrelas", sabia casar, com justeza e propriedade, o adjectivo ao substantivo, coisa, aliás, que o grande esgrimista do nosso idioma considerava a mais difícil, tanto na linguagem corrente, como no estilo apurado dos escritores.

Foi entrevendo em Leonardo Mota o literato, o autêntico homem de letras, no seu mais alto significado, que pude dizer-lhe, a ele, no discurso com que honrosamente o recebi na Academia Cearense: — "Madrugastes na vida, de mãos dadas com as letras e tendes vindo às voltas com as letras, pela vida fora... Às voltas com as letras, pela vida fora, é que, sem terdes "preconceitos de escola" nem vos sujeitardes a "dogmas e preceitos preestabelecidos", fostes, sempre, um incorrígível e impenitente enamorado da beleza, sem dúvida convencido de que ela traz consigo, segundo a fórmula do crítico de "La Vie Littéraire", uma verdade mais alta e mais profunda do que a própria verdade: "J'oserai dire qu'il n'y a de vrai au monde que le beau".

Mas se Leonardo Mota nunca deixou de ser e em todo o tempo foi sobretudo o homem de letras, homem de letras também é, como se acentuou, Fran Martins, o recipiendário desta tarde.

Apenas este último não se desviou até hoje de um único rumo: a literatura de ficção, a que vem dedicando, incessantemente, todas as energias do seu espírito moço.

Tem feito, em verdade, todo tempo, contos e romances...

Estreou-se, de facto, com um livro de contos, a que deu o título de — "*Manipueira*" — e o sub-título de — "Contos do Juazeiro do Padre Cícero"—.

Coincidência curiosa e digna de relevo: "*Manipueira*" está prefaciado por Leonardo Mota, a quem Fran Martins vem suceder nesta casa.

São palavras do seu prefaciador: "*Manipueira* é o livro de estreia de um moço de 19 anos. Esse moço poderia aparecer-nos com um livreco de sonetos impregnados do bolor de amorezinhos pulhas, mui frequentes nos rapazes do seu tope. Poderia igualmente surgir-nos com umas maluquices forgicadas ao gosto do futurismo desvairado. Entretanto, nada disso fez. Foi ao sertão, viu, observou e escreveu. Representa isso para mim o prin-

cipal mérito de Fran Martins. Ele fez literatura sertanista porque esteve no sertão".

No seu livro de contos, Fran Martins, considerando, sem dúvida, — como fez depois Elói Pontes, ao criticá-lo —, que o Nordeste (abstração feita do secular problema das secas) era um manancial formidável por explorar; que os romances, que até então nos tinham oferecido aspectos e tipos do nordeste, não haviam esgotado o assunto, antes só tendo conseguido estimular a nossa curiosidade, e que os taumaturgos, os beatos, os cangaceiros, a formigarem nos logarejos dos sertões, aguardavam o olho analista dos nossos escritores, desafiando as críticas os problemas sociais do fanatismo e do banditismo, selvagens e crueis, nesse livro de contos — repito — Fran Martins procura retratar-nos, sob suas diversas modalidades, dentre muitos, o tipo do "*romeiro*", "sanguinário, fatalista, sentimental, mas sempre sertanejo inculto e forte, que transpõe Estados, atravessa capoeiras virgens e taboleiros sem fim, debaixo de um sol escaldante, e lutando contra dificuldades inauditas, com o único fito de receber a benção do Padre Cícero ou agradecer os favores obtidos, por sua intercessão, junto ao reino celeste".

Tipo do "*romeiro*" juazeirense, que o *conteur* assemelha à "*manipueira*", pois, como esta, é, na aparência, bom, inofensivo, mas oculta, em verdade, uma alma perigosa e perversa, é esse João Luís, que, à porta do Padre, ar de devoção, às mãos longo e sebento rosário de contas de coco, espera a bênção. E, "enquanto o taumaturgo recolhe espórtulas e absolve cangaceiros, ele conversa com o coronel, que lhe propõe um serviço, logo aceito. Fixado o negócio, João Luís para de rezar, grita para o Padre — *Abença, padim vigário!*..., e vai tocaíar a vítima. Atravessa-lhe o coração com uma facada. Na manhã seguinte, dá o alarma. Encontra-se o cadáver. João Luís, fisionomia humilde, voz de súplica, lamuriento e calmo, está na porta do Padre Cícero, recolhendo olhares piedosos e esmolas dos que chegavam atraídos pelo cadáver do assassinado".

Escreve o autor de "*Manipueira*", rematando: "Rezava. Naquele dia, aprouve-lhe aumentar as orações de mais um "*terço*". Oferecia-o, logo, à alma da mulher de Pedro Vicente, caso ela falecesse, ao saber do assassínio misteriozo do marido".

Manifestando-se sobre "*Manipueira*" e o seu jovem autor,

escreve Clovis Ramalhete, conhecido, nas letras indígenas, pelo seu livro — *"Eça de Queirós"*, — laureado pela Academia Brasileira: — "E' um punhado de contos em que se evidencia a intenção de reportagem tão ao gosto da literatura actual. Livro de depoimento, conforme a voga, mas dum depoimento prestado num estilo que surpreende, com uma nitidez, que põe em certos traços um relevo quase físico. *"Manipueira"* propõe-se a mostrar a passear o leitor por Juazeiro: pelas ruas, mostrando os fanáticos, os bandoleiros, as velhas resadeiras; pelas almas, mostrando o instinto supersticioso e fetichista do nordeste... Em Fran Martins, creio poder assinalar em potencial, no contista, justamente os méritos que fazem o bom romancista. Uma vocação jornalística para registrar ambiente; um instintivo golpe de vista de psicológo; e mais forte que tudo, uma formação de vigoroso observador que depõe. O contista explora uma situação: têm esse carácter todos os grandes contos clássicos da literatura universal. *Boule de Suif* é uma situação explorada por Maupassant; *Rtin*, de Maughan, o *Mandarim*, de Eça, também nos ilustram nessa definição. O romance se interessa pelos tipos e permite o ambiente, que é o seu clima próprio. Fran Martins apresenta-se em *"Manipueira"*, evidenciando tão expontaneamente, no conto, esses méritos no romancista, que não duvido prever-lhe o triunfo também nesse outro género".

* * *

"Manipueira" é livro publicado em 1934. Pois bem: logo em 1935 começam as actividades de romancista de Fran Martins com o seu novo livro *"Ponta de Rua"*, que viu a luz em 1937, sim, mas que foi elaborado, como consta de sua página final, de Março a Outubro de 1935.

Essas atividades não mais cessam desde então até 1942, em cujo lapso de tempo dá à publicidade, sucessivamente, os romances *"Poço dos Paus"*, *"Mundo Perdido"* e *"Estrela do Pastor"*, com o que se me afigura ter feito realidade concreta o alviçareiro prognóstico de Clóvis Ramalhete.

Romancista expressivo — não hesita Nelson Werneck Sodré em chamar—na sua *História da Literatura Brasileira*—a Fran Martins, que coloca ao lado dessa lusida coorte em que figuram,

entre outros, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Jorge Amado, Raquel de Queirós, Érico Veríssimo, Orígenes Lessa, Octávio de Faria e José Geraldo Vieira.

Álvaro Lins, de seu lado, nota que Fran Martins é *realmente* romancista, suportando uma atitude de confiante expectativa e acrescenta — o que importa salientar — que é um autor em crescente ascenção e que se está aperfeiçoando de livro para livro, proposição esta, de resto, fácil de constatar, desde que se leiam esses quatro romances, na ordem das suas datas, com despaixão e imparcialidade.

* * *

"*Ponta de Rua*" tem o seu lugar, inquestionàvelmente, nesse sector de renovação do romance moderno.

Romance cearense, fixa o ambiente, os hábitos, os vícios, as torpezas, as virtudes, as crenças, a miséria de uma "ponta de rua" de Fortaleza, o Alto da Balança, por todos nós conhecido e a todos nós tão familiar.

Por outras palavras, dá-nos o retrato, o mais aproximado possível, da *vida social* do agrupamento humano que lá habita, e onde enxameiam e formigam trabalhadores e operários de todos os matizes, vagabundos e malandros de todas as laias, gente boa, gente ordinária e gente má...

O tipo central do livro é Zeclementino, como diria Raquel de Queirós, enèrgicamente desenhado, falando palavras suas e andando com as próprias pernas; "um mulato inteligente e ambicioso, que sonha um dia ser rico e vai realizando firmemente o seu sonho, embora à custa da miséria alheia."

Com efeito, "na ponta de rua" instala um boteco, e depois passa a negociar também em secos. E as economias de Zeclementino prosperam. Em breve, abre outras vendas, compra terrenos, constrói casas, sempre sugando a visinhança e pondo em todos os seus actos o cálculo seguro do onzenário e do egoísta... Zéclementino é o verdadeiro ditador do Alto... Nele se enriquece, se consolida, adquire as bases com que, mais tarde, há de se transferir para o centro da cidade, atirando-se ao comércio, em larga escala. Não discute os meios para ganhar dinheiro, é insensível ao sofrimento, não tem sensibilidade para os dramas de fome que enchem a rua".

Os outros principais tipos de *"Ponta de Rua"* estão nìtidamente configurados no romance, com as suas características psicológicas: O Cabo 27, Cara de Anjo, Pedrão, Lelinha... Fran Martins "sabe criar seus tipos com independência e originalidade".

"Ponta de Rua" é romance objectivo, como vi dito algures, é livro *denso e de vida.* Há trechos dele, realmente, onde o seu autor apanhou e surpreendeu a realidade, de uma maneira tangível e flagrante. Como no episódio seguinte:

Da. Marocas pedia cinco contos de réis (no tempo em que essa moeda ainda tinha curso forçado) pelo seu terreno. Zéclementino resolvera, com os seus botões, depois de muito martelar no assunto, dar os quatro contos e quinhentos. Escreve o romancista: "Nem esperou que a velha Marocas mandasse chamá-lo. Ia dando um giro e passou por lá.

— Então, já se resolveu? Pensou bem no assunto? Aproveite a ocasião que a coisa vai ruim...

Não, dona Marocas não havia pensado. Aquilo era caso decidido. No entanto, se ele quisesse oferecer...

— A senhora não se zanga ?

— Não.

— Então dou-lhe a minha palavra. Quatro contos ?

Desta vez quem se assustou foi a velha Marocas. Então ele pensava que aquilo era brinquedo ?

— Olhe, seu Zé, com gente velha não se brinca.

Mas ele estava falando sério mesmo. Sim, senhora, era o que valia. Quatro contos era muito dinheiro.

E pôs em prática a tática empregada em toda parte do mundo entre dois espertos que querem chegar a um acordo.

— Ademais, a senhora pense no que ainda vou gastar. O terreno vai ser todo aplanado. Todo estrumado. Todo remexido. — Preciso levantar uma casa, para alojar a bodèguinha. Alem disso, uma casa de morada. E tenho de cercar de novo, meter-me em questões com os visinhos, o diabo, o diabo !

Dona Marocas meditou um momento. Depois arriscou:

— Quer que lhe diga? Para encurtar a história baixo para quatro e nove.

Zéclementino não ficou satisfeito. Era muito. Levantou a sua proposta para quatro contos e cem.

— Quatro e oito, para encerrar o assunto.

— Quatro e três, para a senhora não se molestar.

Novamente começou a enumerar as despesas que ia fazer. Tinha que pagar à Prefeitura o imposto para a construção. Tinha que pagar ao doutor para medir a terra direitinho. Tinha que pagar ao tabelião para passar a escritura.

Saíram discutindo para dar uma vista no sítio. Dona Marocas elogiava a terra:

— Terrão !

Clementino chasqueava, para tirar mais barato:

— Cheia de altos e baixos...

Pararam sob uma mangueira. Fazia calor. O sol queimava. O ar parecia um sopro de fornalha.

—O senhor não encontra aqui por perto um sítio como este, barato assim. Por quatro contos e setecentos isto aqui é dado.

Mas o bodegueiro amarrara-se nos quatro e quatro. Quatro e quatro, nem mais nem menos.

Dona Marocas aborreceu-se:

— O senhor quer saber de uma coisa? A minha última palavra é quatro e seis.

Clementino acendeu um cigarro. Começou a passear, de um lado para o outro. Falava baixinho, como se combinasse com alguém. E desempatou :

— Pois bém. Nem eu nem a senhora. Lhe dou os quatro e meio, está tudo acabado. Serve? Se não serve, não posso dar jeito...

A velha findou aceitando. E daí a três dias a escritura foi passada. Zéclementino entregou-lhe as nove notas de quinhentos, chorando, se lastimando, que não podia fazer aquilo, a coisa ia ruim..."

Referindo-se a "*Ponta de Rua*", pôde Fritz Teixeira de Sales asseverar que é um romance *essencialmente da massa*, tendo poucos livros brasileiros pintado, com tanta realidade e nitidez, a psicologia complexa, ingénua e revoltada das nossas multidões.

E foi, sem dúvida, à vista de tudo isso que Raquel de Queirós significou o seu entusiasmo dizendo que o livro de

Fran Martins — "promessa séria de outros livros bons e grandes", era um bonito começo, "um começo por onde muita gente boa não consegue nem acabar..."

* * *

"Poço dos Paus", que é o segundo romance de Fran Martins, já representa, como observa Tristão de Ataíde, um grande progresso sobre o seu anterior, *"Ponta de Rua"*.

Basta dizer que em *"Poço dos Paus"* não há mais essa aspereza de expressões, essa "crueza de cenas", esse realismo violento, que tanto afeia *"Ponta de Rua"*, e que "o colocam entre os mais expressivos do abuso no género", como eram os romances, entre outros, de José Lins do Rego e Jorge Amado.

Neste agora, consoante ao que ainda frisa o notável crítico, o escritor se humanisa, passando da visualidade meramente exterior de *"Ponta de Rua"* a uma vida mais profunda, com a entrada em cena de um elemento que até então o autor ignorava —*o mistério*, que é que comunica a esse livro forte e duro uma aura de beleza e de emoção.

"Poço dos Paus" tem por tema o novo açude, o grande açude de *"Poço dos Paus"*, em que "os ingleses" derramam dinheiro e exploram a miséria do povo".

Nele "se desenrola, em seu negror, toda a tragédia do açude em construção, de suas seduções, do seu labor, da sua vida trepidante e dolorosa".

E' livro cheio de vida, "através do sofrimento e da angústia, do idealismo e da desilusão dos vultos que nele aparecem".

A história do amargurado romance gira em torno de Climério, simples servente de restaurante no Crato, que, farto, um dia, de sua vida de humilhações, a miragem da fortuna que se dizia reinar no novo Eldorado para lá irresistívelmente atraiu.

Os tipos de *"Poço dos Paus"* estão retratados na sua mais pungente verdade, desde Climério, tipo *carne e osso*, até seu Raimundo, "o velho que ficou um místico maníaco, por causa dos seus pecados, que eram muitos"; Zé Pereira, que ingressou no grupo de "Asa Branca" e era o terror da Serra do Araripe; Augusto, que vai tomando conta do armazém de Berlamino; Rosalinda; Florinda; a preta Nazaré...

O estudo da preta Nazaré — no sentir de Raimundo de Morais — é sem dúvida um dos melhores estudos dessas almas acalcanhadas pelo destino.

Quanta desdita — diz ele —, quanto desgosto, quanta amargura não guarda ela no sorriso com que despacha os fregueses da sua barraca, ou o atrevido que a pretende conquistar !....

Edgar Cavalheiro — ao que me parece, com inteira razão — destaca o tipo de Rosalinda como o melhor de todos e, sem embargo dos reparos que faz ao livro, não tem dúvida em reconhecer que é inegável a presença de um romancista nas páginas deste moço, que sabe conduzir um assunto, movimenta com naturalidade seus personagens, chegando no diálogo a ser bom, em muitos trechos, podia mesmo dizer ótimo, pela expontaneidade, expressividade e realidade, de que se reveste e que lhe dão o tom...

Aliás, não é só dos retratos humanos que a vida e verdade resumbram com todo o seu vigor afirmativo; também da luta, que em "Poço dos Paus" se trava, hérculea e incessante, e de que Fran Martins procura dar-nos uma pintura, nas páginas do seu romance. Como nesta página :

"Os roladores de pedras cantavam para o serviço tornar-se mais leve. Metiam as alavancas nas rochas e um negro forte soltava a voz :

— Êh jandaiana...

— Êh !

— Êh guabiraba...

— Êh !

As alavancas se levantavam a um só tempo. A pedra de mais de mil quilos avançava um pouco, afastava-se um pouco. E eles passavam assim, enfiando o dia com a noite. Êh jandaiana... Êh! As turmas se revesavam... Ouviam-se os gritos dos negros que suavam para ganhar nove mil réis por dia.

— Mestre Quinco, apronte logo esse barro !

— Olha a caçamba de pedra, Fernando! Esse diabo ainda morre debaixo dessa caçamba!

E Fernando ria, mostrando os dentes sujos, coçando a carapinha, molhada de suor".

* * *

O terceiro romance de Fran Martins é *"Mundo Perdido"*.

A sua construção, influenciada, sem dúvida, por John dos Passos, uma das figuras marcantes da literatura moderna dos Estados Unidos, é feita em dois planos distintos: de um lado, uma noite, a última noite que António Reinaldo passará na cadeia, dêsde que no dia seguinte terá de realizar-se a sua soltura; de outro lado, quarenta anos, quarenta anos da vida do Juazeiro, acidentada e curiosa.

Como o próprio editor acentua, num dístico existente na capa do livro, que bem lhe traduz o sentido, em *"Mundo Perdido"* aparece o drama do fanatismo religioso, provocando a miseria, a morte, a revolução.

E nenhum cenário — nota Omer Mont'Alegre — poderia servir melhor a uma tal obra que essa cidade de Juazeiro, Meca para onde se voltaram, durante anos e anos, as estradas de todos os sertões brasileiros, convergência de gentes e de problemas.

Alguém, por isso, disse, com irrecusável agudeza crítica, que o principal personagem do romance é a cidade do Juazeiro, desenvolvendo-se, crescendo, em vertigem, vivendo, dominando, tornando-se autonoma, favorecendo movimentos migratórios que de todos os pontos do País para lá se dirigem, influindo por um momento na vida política e administrativa do Estado, fazendo sedições e revoltas, mortíferas e sanguinolentas, em nome de Nossa Senhora das Dores e do Padre Cícero..., a cidade do Juazeiro, com as suas mazelas e anomalias — o fanatismo, as superstições, a crueldade, o misticismo do seu povo rude e primitivo...

"Mundo Perdido" é a documentação desse fenómeno social... "É, com efeito, o Juazeiro do Padre Cícero que vai surdindo página por página sob uma ambiência de rude primitivismo, de vidas e dramas caóticos que nos sugerem a agitada paisagem de um mundo perdido. Taumaturgos que dominam como déspotas e tiram partido político da ingénua e mística credulidade dos penitentes, que, obsecados, abandonam tudo, em troca de uma fanática e mesquinha vassalagem espiritual. "Tinham os rostos cobertos com um pano, estavam nús da cintura para cima. E enquanto rezavam e se lastimavam cortavam as costas com estiletes presos à ponta de cordões. O sangue

jorrava das costas dos penitentes, as mulheres trancavam as portas, os meninos choravam de medo. E eles percorriam as ruas, iam terminar as suas lamentações junto ao cruzeiro da Matriz ou à porta do cemitério".

Pari passu com toda essa tragédia corre a história dramática e dolorosa, lembrada nesta última noite de cadeia, desse fracassado de António Reinaldo, como o chama Mário de Andrade, que, de facto, é "um símbolo curioso dentro disso tudo. A sua vida, realmente, serviria como exemplo da vida da própria cidade, onde ele chegara menino amarelo, com a cabeça cheia dos dramas que vira durante a viagem, e culminára no seu progresso com a casa "Caminho do Céu", finalizando na luta com o soldado, o soldado amarelo, que mereceu de Graciliano Ramos, já, as atenções de uma página literária".

Personagem interessante como "valor humano", é o Cabo Lucas, que "nem parece soldado de polícia, com esses olhos sonhadores, essa fala arrastada", jovem que "por um motivo misterioso, prefere o convívio dos presidiários ao aconchego da família" e que o amor impaciente e as brigas de todas as noites de Rosalva perturbam e atormentam.

O velho Neco Rogério "é outro tipo bem engendrado, cópia fiel desses coronéis que ainda há perdidos pelos sertões, homens "de mão aberta", cheios de lealdade e de largos gestos humanitários".

De seu lado, há uma "vibrante humanidade" nos flagrantes expressivos que o romancista cearense nos dá de Ana Teresa e Tenzinha. Ana Tereza "é bem o símbolo definitivo da mãe nordestina, sofrendo e calando, ternamente amando e raramente sorrindo. E Tensinha, morena e repousante, suave como um "blue" em surdina, imagem viva de Nossa Senhora do Perdão, deixa de ser a mulher que amou uma vez para se transformar no próprio amor feito indulgência... Ambas são humaníssimas, e ambas andaram tambem nos nossos destinos, aturando-nos, perdoando-nos, estimulando-nos...".

Com "*Mundo Perdido*" — salienta Mário de Andrade — Fran Martins dá um seguro passo adiante do seu anterior "*Poço dos Paus*". Direi com Omer Mont'Alegre que com ele o escritor cearense atinge ao seu ponto mais alto.

E' que já se não trata de "um livro superficial, onde apa-

recem marcas de um revolucionarismo fogo de palha da juventude; há nele muito de madureza, não só do argumento, como também do senso do autor".

Tenho que, com "*Mundo Perdido*", Fran Martins se afirma verdadeiro romancista, na posse plena e integral dos recursos que excelentemente o caracterizam: — poder narrativo, capacidade de dizer as coisas como as coisas são, propriedade de retratar-nos a vida, na variedade dos aspectos, com que ela, todos os dias e a toda hora, se nos apresenta...

Tudo — além disto — bem articulado, guardando, sempre, quaisquer que sejam as situações, o mais seguro e inalterável equilíbrio...

Página de autêntica verdade é esta com que o romancista de "*Mundo Perdido*" nos conta a atracção exercida pelos milagres do Juazeiro sobre o espírito bronco do pai de António Reinaldo.

"Manuel Joaquim não pensava no filho morto que estava ali esperando que ele acabasse de cavar a cova para ser enterrado embrulhado na rede. Não. Ele queria é que Maria de Araújo tivesse mostrado a sua força, o seu poder. A morte do filho não o acabrunhava. Estava acostumado a sentir aqueles choques, não se condoía com esses acontecimentos. Perdera o pai, a mãe, os irmãos. Sofrera ataques de cangaceiros, fome em tempo de seca, praga de bexiga. Estava acostumado, calejado. O que o interessava no momento era a santa. Houve gente que vira a hóstia virando sangue ao tocar a boca de Maria de Araújo. Ele ouviu a história e ficou assuntando. Havia uma profecia que falava nessa santa. Dizia que ela surgiria para salvar o mundo dos pecados. Um negociante de Palmeiras contara como fora o milagre:

— Lá é um povoado dumas três ruas de casas. Na quinta-feira de 89, na capela, o vigário, um padre de nome Cícero, estava dando a comunhão quando aconteceu o facto. Depois que ele colocou a hóstia na boca de Maria de Araújo, ela virou em sangue de Deus. Foi coisa que todos viram. Depois o facto se tem repetido, a história ganhou mundo, despertou atenção. O povoado tem melhorado, todo dia chega gente para ver o milagre. Sim, ela é santa, garanto.

Manuel Joaquim ouviu aquela história e ficou assuntando.

A profecia de Frei Vidal dizia que aparecia essa santa para salvar o mundo. Ele não cria muito nessas histórias, mas foi só ouvir o comerciante e sentir dentro dele uma coisa o chamando para o Juazeiro. Vivia impressionado com aquela voz que o dominou. E não descançou enquanto não decidiu partir. Havia uma coisa dentro dele forçando a sua ida para Juazeiro. Era a força da santa, a voz da santa chamando-o para redimir-se dos seus pecados".

Edgar Cavalheiro, que apontara diversos defeitos ao seu ver encontradiços em *"Ponta de Rua"* e *"Poço dos Paus"*, apressa-se, já agora, em declarar que todos esses defeitos verifica, com a maior alegria, estarem ausentes de *"Mundo Perdido"* e que o domínio absoluto do assunto e a técnica segura com que constrói a sua obra faz com que possamos apregoar, sem o mínimo receio, a presença de um romancista com qualidades pessoais para resistir ao leitor mais exigente.

* * *

Tendo-nos dado, em 1940, *"Mundo Perdido"*, Fran Martins aparece-nos com *"Estrela do Pastor"*, em 1942.

Romance de natureza auto-biográfica, o que lhe concentra todo o interesse é a evolução psicológica de Fernando, seu herói, através da infancia e da adolescência.

Descrevendo-lhe a infância, "percebe-se que são episódios da sua própria existência que o autor aí nos narra", suas lembranças da aurora da vida" transpostas em forma romanesca".

Talvez por isso mesmo é que tenha sido na fixação da infância de Fernando que Fran Martins colocou os seus melhores recursos de romancista—nota Álvaro Lins, dizendo que aqueles que conhecem as cidades do norte logo verificam a veracidade das cenas e a exactidão das descrições, sendo as figuras de meninos de rua, com os seus jogos, as suas inquietações e os seus pequenos problemas, recortadas com absoluta nitidez.

Nota, outrossim, o insigne crítico que Fran Martins também soube fixar — e essa era a tarefa difícil — aqueles desencontros dos meninos em face da realidade, aquelas surpresas, aquelas perplexidades, que são o descobrimento do mundo, notando, finalmente, que esses trechos de *"Estrela do Pastor"* do-

cumentam a tendência do romancista para a introspecção e a analise e a sua capacidade para transpor o plano do que é simplesmente objectivo.

Não hesito em afirmar que a parte em que Fran Martins nos descreve a infância de Fernando é a melhor do romance, podendo mesmo constatar-se entre ela e as restantes visível desequilíbrio.

Porque são "cenas antes vividas que imaginadas" é que através delas se sente mais emoção e mais vida. Como nesta página em que Tibúrcio, pai de Fernando, lhe castiga as diabruras com os moleques da rua da Vala.

"Fomos andando devagarinho para casa e quando cheguei meu pai já sabia de tudo. Um conhecido dele passara no momento e me vira atracado com o menino da taboleta. Meu pai me pegou pelas orelhas, a chibata na mão, vermelho de raiva:

— Seu corno, eu lhe quero brigando na rua? Eu não disse para soltar os boletins e vir para casa cedo ?

E a chibata caindo no meu corpo: lapo, lapo, lapo!

Minha mãe agarrou-se ao marido e suplicava, chorando alto:

— Tibúrcio, pelo amor de Deus, não faça isso, Tibúrcio! Pelo sangue de Nosso Senhor, não dê assim no menino, Tibúrcio !

E a chibata ainda caindo no meu lombo: lapo, lapo, lapo!

Quando meu pai me soltou, o corpo tremendo de raiva, eu caí sem forças no colo de minha mãe. Ela chorava igual a mim, alisava-me o cabelo, soluçando sem conter-se.

Passeando pela sala, meu pai acendera um cigarro e vociferava :

— Não está vendo que não se pode criar esse menino assim solto? Sai para fazer uma cousa, se agarra com moleques em plena rua ! Eu posso consentir isso, posso fechar os olhos ? Tem que se criar é direito, senão eu quebro esse corno de peia !

Minha mãe continuava chorando, enxugava o nariz na manga da blusa. Aos poucos fui me cansando do choro, uma sonolência pesada tomava conta de mim. Adormeci com a cabeça no seu colo e quando acordei meu pai não estava mais na sala".

Álvaro Lins declara que em "*Estrela do Pastor*" há ausência de conflitos e paixões.

Mário Cabral, porém, considera—ao meu ver com razão—absolutamente falsa essa declaração do crítico sulista, acentuando que ou ele não leu o livro de Fran Martins, o que é grave, ou então lhe fez uma grande injustiça, o que é gravíssimo.

E diz que é bem verdade que o mérito do romance está, principalmente, contido na fixação das características regionais, mas que todo ele é agitado por conflitos, paixões e crises da alma. Os personagens de "*Estrela do Pastor*" — ajunta — são açoitados por problemas os mais diversos e díspares. Problemas sexuais, problemas morais, problemas económicos. Problemas sociais. Alfredo, tímido e balofo, carrega, entre o deboche dos companheiros, a sua perversão sexual, tendo, sempre, as mãos pegajosas, trémulas e hesitantes, como grandes aranhas sensuais. Marta e Maria, serenas e complacentes, prestando-se, passivamente, às primeiras manifestações amorosas dos meninos da rua da Vala. Sérgio, temperamento perverso, termina os seus dias no cangaço. Toinho, chefe do batalhão, bicho respeitado, comanda batalhas memoráveis contra os moléques da Rua do Fogo. Fernando, o herói do livro, vive, nessas páginas, uma existência movimentada e pitoresca, uma vida cheia de questões de foro íntimo, que, por si só, diz muito alto da força criadora de Fran Martins.

A crítica tem entendido, mesmo, que "*Estrela do Pastor*" é a obra mais bem acabada e a melhor de Fran Martins, pelo menos aquela em que o romancista se empenhou com maior paixão e em que pôs mais de si mesmo.

* * *

Fran Martins ainda deu-nos, em 1946, "*Noite Feliz*", livro de contos, acenando-nos com um novo romance "*Nós somos jovens*", que as letras brasileiras com os melhores augúrios esperam.

* * *

Há um reparo a fazer na obra de Fran Martins, considerada em conjunto: ausência de natureza exterior, de paisagem... Quando muito, aqui e acolá, breves cenários, debuxados e pintados em rápidas pinceladas...

Isso mesmo foi notado em relação à obra de Machado de Assis.

Alfredo Pujol salienta que Machado de Assis estuda e observa o homem interior e exterior e apenas nota, muito ao de leve, o cenário em que vivem e palpitam as ações humanas, e que a natureza não aparece nos livros do príncipe das nossas letras, não gostando os seus próprios personagens de andar na rua...

Acrescenta que lhe contara Coelho Neto ter ouvido esta reflexão de uma senhora que acabava de ler um romance do Mestre: "Sente-se neste livro uma grande falta de ar... Não há uma aragem! Não há uma árvore !".

Machado de Assis, porém, replicava, como fez ao seu amigo Ramos Paz, quando este, sabendo o assunto da novela *"A Mão e a Luva"*, que ele estava escrevendo, lhe sugeriu a lembrança de descrever o esplêndido parque do Conde de S. Mamede, no Cosme Velho, ao narrar o encontro de Estêvão e Guiomar num jardim: "A natureza não me interessa; o que me interessa é *o homem*".

Fran Martins poderia, de seu lado, retrucar, aos que porventura lhe fizessem aquele reparo: "A natureza não me interessa; o que me interessa é *a vida social*, que orienta o romance moderno".

Afinal de contas, pontos de vista, sempre e em todo caso respeitáveis...

* * *

Está escrito no *Decálogo nobreniense* que o trabalho é uma lei fundamental, não valendo o homem sinão pelo que produz.

Tendes, Sr. Fran Martins, trabalhado activamente, e a vossa produção, feitas todas as reservas e restrições que ela possa impor, é sem dúvida estimável, prometendo, aliás, ainda muito, a vossa inteligência e juventude.

Fazeis, assim, jus a este prémio — diga-se o que se disser em contrário — sentando-vos numa destas cadeiras, na cadeira que Leonardo Mota tão gloriosamente ocupou.

"Podeis entrar. Descançai com segurança. A sombra é amiga; o pão é puro; o vinho, amável".

As nossas melhores boas vindas !

De FRAN MARTINS:

Talvez a muitos pareça estranho que um romancista, obscuro e sem valia, venha ocupar uma cadeira nesta Casa, onde o principal escopo é o estudo da história e ciências afins. Se bem que todos os que aqui se abrigam — não como navegantes sem destino, encalhados em arrecifes traiçoeiros, mas como velejadores destemerosos, guardados em porto seguro, o espírito sempre voltado para novas aventuras no mar-oceano da sabedoria — se bem que todos sejam, numa generalização sumária, o que se convencionou chamar de homens de letras, naturalmente há as distinções, separações mais que lógicas de tendências, vocações e tirocínios. E' o problema de todas as comunidades, mesmo quando formadas de poucos indivíduos como aqui. Problema natural, que nos leva, em última análise, a uma conclusão benfazeja, porque ai da humanidade se todos os homens tivessem os mesmos pendores e seguissem as mesmas orientações.

Esta Casa, como qualquer outra agremiação, é um espelho do complexo mundo em que vivemos. Reunindo apenas vinte membros, encerra, contudo, na sua aparente unidade exterior, vinte pensamentos que, colimando embora o mesmo fim, são díspares e muitas vezes supostamente divergentes. Mas é essa diversidade de interpretação que dá personalidade e caracteriza os que aqui trabalham. E na maneira de cada um ver, sentir e se expressar sobre o objectivo comum é que reside o equilíbrio harmonioso do todo.

Há, por isso, entre vós, os que procuram alcançar a meta final pelo caminho da investigação directa, da nua apreciação dos factos para a conclusão lógica, segura e verdadeira. Há os que seguem estradas diferentes, tratando com os elementos telúricos que desempenham também papel saliente no estudo geral da História, já que constituem um dos seus apoios basilares. Há os que se espalham pelas múltiplas ramificações da árvore frondosa, praticando os mais variados sectores da inteligência, sempre guiados, porém, nas suas elocubrações, pela luz da mesma estrela radiosa. Não foi sem representar uma grande sabedoria que se disse ser a História a mestra da vida—talvez mais do que isso, a essência mesma de todas as actividades que nela, como num grande mar, se entrelaçam e confundem.

A esses vem juntar-se, agora, um simples evocador de ambientes desolados e almas angustiadas, que jamais ousaria pensar aqui ser recebido não partisse de vós, espontâneo e cordial, o convite para figurar como um dos vossos. E uma vez que assim quisestes, esse romancista aqui está, sentindo-se, no íntimo, á vontade, pois que a arte que humildemente pratica em essência não difere da vossa. Na verdade, apesar de, à primeira vista, haver aquela discrepância que atrás frisei, tenho para mim que o romancista, da mesma maneira que o poeta, em última análise, ao fixar os seus dramas, também, como vós, está fazendo História.

ROMANCE E HISTÓRIA

Com efeito, se a missão do historiador é estudar, no tempo e no espaço, os factos sociais, para deles tirar conclusões capazes de caracterizar uma época, um povo, uma civilização, tanto a poesia como o romance — géneros literários afins, cuja maior separação reside apenas na forma e não na essência, — se bem que produtos da imaginação, reflectem, igualmente, esse objectivo. Se isso, hoje, não é, á primeira vista, compreensível, no princípio dessas artes tal assertiva é comprovada com facilidade, uma vez que tanto a poesia primitiva como o romance em suas fases iniciais eram géneros literários quase que puramente descritivos, em que os artistas, desprovidos das qualidades de análise e de crítica, cantavam ou narravam aquilo que mais os impressionava.

Assim, possível é recompor-se a marcha das antigas civilizações através dos poemas ingénuos dos primeiros aedos. Ao lermos, por acaso, os Rig-Veda e penetrarmos nas canções a Indra, no "Canto da Criação" ou nos hinos a Varuna, o que lá encontramos é a alma de um povo místico, é a celebração de feitos que marcam épocas milénios antes de Cristo, são guerreiros, são lutas, são descrições de fenómenos cósmicos que os sábios de hoje, com a sua ciência, reconhecem verdadeiros. Se, por exemplo, em livro antiquíssimo, os chineses descrevem um acontecimento astronómico, os cientistas europeus, no século actual, identificam o facto como tendo acontecido em certo dia do mês de Fevereiro do ano 2461 antes de Cristo. Porque os

povos primitivos, na infância das mais antigas civilizações, como os pássaros e as crianças, usavam, para celebrar os factos que os impressionavam, a linguagem alegórica da poesia. Os seus cantos, dessa maneira, não são apenas um alinhado de palavras comuns, mas a exteriorização de sua própria vida, dos seus costumes, das suas dores, dos seus sofrimentos, dos seus receios ou do amor às divindades misteriosas e invisíveis. E tudo isso, para o estudioso hodierno, constitui história, palpitante de vida, referta de crenças, rica de factos preciosos, numa ressurreição fidelíssima de velhas e gloriosas civilizações.

Vida que a poeira dos séculos não conseguiu soterrar—nos Upanishads, velhos hinos indus que são um apelo ao conhecimento da alma humana, uma dolorosa investigação do maior problema do homem, o da compreensão de Deus—e que, apesar de escritos 400 anos antes de Cristo, acredita-se hajam influído na concepção que desse mesmo problema tinham Schopenhauer e Emerson. Crenças que os cataclismas do mundo não conseguiram destruir—no "Canto do Senhor", nascido dois séculos antes de Cristo e que ainda hoje é considerado por sábios da envergadura de Thomas como "um dos maiores fenómenos religiosos do mundo" e o "mais antigo e ainda maior monumento da religião indu". Factos que a memória dos povos não pôde esquecer — no Ramaiana, rival da Odisseia, no Mahabarata, irmão da Ilíada, descrevendo feitos da vida quotidiana, dos indivíduos em contato físico com os indivíduos, completando, assim, o perfeito conhecimento desses povos antigos, vistos pelo prisma material, da mesma maneira que com os Upanishads e o Canto do Senhor eles eram vislumbrados sob prisma espiritual. História a fazer-se através da Poesia — com o livro de Tao, o Shu-Shing, os versículos de Mêncio ou os aforismas de Confúcio — todos eles reflectindo religião, usos, costumes, moral, filosofia, ciências, artes, ofícios.

E se assim aconteceu com a Poesia, igual cousa se pode dizer do romance. Se bem que, na Idade Média, fosse ainda a poesia o género preferido para a descrição de acontecimentos — e as canções de gesta, as sagas, as xácaras dos trovadores cantando feitos heróicos e aventureiros dos Cruzados são, em última análise, documentos mais históricos do que poéticos — um outro género literário, o romance, foi rapidamente se desenvol-

vendo, aproveitando, como aquele, para a sua feitura, os factos que a todos então empolgavam. Daí surgirem os romances de cavalaria, na verdade apenas sagas sem os artifícios do ritmo e da rima, canções de gesta escritas sem a melodia poética, utilizando, porém, os mesmos temas, os mesmos factos, não raro os mesmos personagens.

Por isso aventámos atrás que, em sua origem — e mesmo hoje, se quisermos aprofundar a questão, se possa provar que a maior divergência entre o romance e a poesia consiste apenas na forma, não na essência — esses dois géneros literários quase que se confundiram, preocupados em retratar épocas, em focalizar usos e costumes, em apresentar, por fim, com as suas características principais, estágios da civilização, constituindo, assim, fontes quase sempre verdadeiras para o estudo da História. Quando, nos fins do século XIII, os primeiros escritos desse novo género surgiram na Europa — as *Cento novelle antiche* ou *Il novellino*, que do norte da Itália se espalharam por todo o Continente—versavam justamente sobre as aventuras dos cavaleiros, os escândalos das cortes, as lições de moral — temas que então dominavam a poesia dos trovadores E dessa época para cá, passando, na sua fase primitiva, por Barberino com os seus *Documenti d'Amor*, por Bocácio com o *Decameron*, por Saccheti, por Fiorentino, por Masuccio, até solidificar-se num pobre e genial sonhador, chamado Miguel de Cervantes, cujo *Don Quixotte*, quatro séculos depois de escrito, ainda desperta a atenção de todo mundo culto, o romance nada mais foi do que a representação, raramente coberta com o manto diáfano da fantasia, de épocas, episódios, personagens, situações e ambientes de um mundo cada vez mais complexo.

Espelho a reflectir, com a maior ou menor intensidade — maior ou menor seja o artista que nele focaliza os seus personagens — dramas da vida quotidiana, é o romance o género por excelência para caracterizar povos e épocas. O seu grande desenvolvimento, as múltiplas e variadas fases por que passou — romance de cavalaria, com Cervantes à frente, romance burlesco com Rabelais, moral com Madame de Lafayette e Fenélon, filosófico com Rousseau, bucólico com Bernardin de St. Pierre, histórico com Sir Walter Scott, até que Stendhal, Balzac e Flaubert o tornaram talvez o género mais amplo, consistente e represen-

tativo da arte literária — em todos os pontos do caminho que percorreu, através dos tempos, até os dias confusos e por isso mesmo geradores de novelas confusas do mundo de após guerra — o romance sempre deixou, viva, nítida, impressionante, a imagem dos povos em suas grandezas e em suas misérias.

Se ao historiador cabe estudar épocas, definindo as suas características principais, não vejo onde distinguí-lo, em essência, do romancista. E é por isso que vos disse que, ao ser acolhido em vosso seio, atendendo ao espontâneo e cordial convite que me fizestes, sinto-me à vontade, pois a arte que pratico, — de modo canhestro, talvez, — não pelo artista, mas graças às suas próprias finalidades, no fim de contas não difere da vossa.

ROMANCE E FOLCLORE — ORIGENS E DESENVOLVIMENTO DO FOLCLORE

Dispensaria, talvez, esta longa e tediosa digressão a coincidência de, nesta Casa, vir eu ocupar justamente a cadeira até bem pouco honrada por um grande folclorista.

Homem de letras como os romancistas, também fazia ele história, mesmo sem pesquisar acontecimentos e datas em arquivos velhos e carunchosos. As figuras que focalizou nos seus livros — cantadores de um sertão bravio, inteligentes e incultos, violeiros que reflectiam, em repentes ou em louvações, a alma do povo, mais que isso, talvez, a vida e as lutas do povo, — os factos que anotou, os versos que coligiu, os casos que reproduziu, com talento, graça e inteligência, estão para a História no mesmo pé de igualdade que os personagens, os ambientes, as situações criadas pelo romancista.

Porque folclore e romance descendem do tronco comum da ciência e da literatura e têm as suas afinidades e as suas divergências. Nessa irmandade ambos se confundem pela necessidade de observação, pela reprodução da verdade, oculta ou velada, pela compreensão do espírito do povo, tão fácil e tão difícil de entender-se, conforme o ângulo em que se ponha o observador. Se o folclorista procura captar, na sua primitividade, o que se passa na alma de determinado agrupamento humano — factos recentes ou remotos, consci-

entes ou inconscientes, que se estravasam através de uma lenda, um conto popular, um mito, uma crença, uma xácara, um desafio, uma quadrinha, um adágio, uma anedota — também é isso o que fazem os romancistas, idealizando personagens, focalizando costumes, pintando ambientes.

A partir desse ponto, porém, se inicia a divergência entre o romance e o folclore. Enquanto o romancista produz de dentro para fora, isto é, cria, *a priori*, um mundo imaginário, feito às vezes à semelhança do mundo real, e nele situa os seus personagens, descreve-os, fixa-os para que, daí, mais tarde sejam tiradas conclusões, o folclorista, munido de conhecimentos vários, realiza o seu trabalho de fora para dentro, observando directamente ,colhendo o material, estudando os problemas de linguagem, a religião, os usos e costumes, a exteriorização dos sentimentos interiores através das crenças, das dansas, das atitudes. Um faz arte, estabelecendo prèviamente e deixando para terceiros a verificação da verdade do mundo a que procurou dar vida. O outro faz ciência, disseca ele mesmo o material colhido, compara, analisa, conclui, apresentando já o fruto do seu trabalho. Ambos, no entanto, lidam, nas experiências, com a mesma argamassa, a alma do povo, vêm-na através dos mesmos prismas, o espaço e o tempo. E o resultado final, para quem deseja factos, é na realidade o mesmo, pois apesar de seguirem caminhos diversos folcloristas e romancistas têm um ideal comum — a revelação da alma popular.

Na verdade, eis o objectivo do folclore: a revelação dos sentimentos do povo por intermédio das suas manifestações materiais e intelectuais. Costumes, tradições, superstições, artes, ofícios, maneiras de interpretar os factos cósmicos ou telúricos, crenças e práticas religiosas — tudo cabe no folclore. É talvez o ramo mais democrático da ciência por mais ligado à alma do povo. Nele sábios e estudiosos, no decorrer dos tempos, têm baseado teorias, no louvável desejo de bem servir à ciência à custa de um conhecimento mais profundo do espírito primário e primitivo da massa inculta.

Se bem que só recentemente esses estudos hajam tido um mais amplo e sério desenvolvimento — a própria palavra folclore foi empregada, pela primeira vez, em 1846, por Willian John Thoms — data de muitos séculos a preocupação de escri-

tores pelos mitos, tradições, cantos e histórias populares. Em um rápido mas profundo trabalho, William Reginald Halliday, Reitor do King's College, de Londres, refere-se, entre outras, à obra de John Aubrey — "REMAINES OF GENTILISME AND JUDAISME", escrita em 1687, e à de John Brand — "OBSERVATIONS OF THE POPULAR ANTIQUITIES OF THE BRISTISH ISLES", publicada em 1777, como verdadeiros estudos de folclore, preciosos para um perfeito conhecimento da alma popular. Outros mesmos, como Van Gennep, apontam os clássicos antigos como precursores dessa ciência, tendo o autor de "*Les lacunes de L'Etnographie actuelle*" chegado a declarar que a "*Descrição da Grecia*", de Pausanias, "*est une véritable enquête de folk-lore*". O nosso grande João Ribeiro, cuja sabedoria é motivo de orgulho para as letras brasileiras, considerava Plutarco, nas "Questões Romanas", o "autor mais antigo de livro sobre folclore".

Dessa abundância de material naturalmente haviam de surgir teorias, algumas das quais os anos destruiram. Gustavo Barroso, que no folclore brasileiro ocupa logar de primeiro plano, classifica, em "*O sertão e o mundo*", o estudo dessa ciência em três escolas: a mitológica, a histórica e a antropológica. A primeira, a que pertenceram Max Müller, os irmãos Grimm e de Gubernatis, baseada no facto de certas lendas, mitos, canções e crenças populares serem encontradas em vários povos de origens comuns, explicava esses fenómenos como reminiscências religiosas de civilizações desaparecidas que perduram, seguindo os tempos, no espírito popular. Daí a afirmação de que os Vedas representavam a fonte mitológica dos povos que, no Ocidente, falavam línguas indo-europeias. Empregando nas suas pesquisas o estudo comparativo das línguas, essa escola, bem o disse Joaquim Ribeiro, interpretava a mítica popular "com símbolos de fenómenos naturais, quase celestes: daí o seu nome de "teoria astronómica", como também é conhecida".

Mas, como é natural, uma outra corrente de opinião havia de surgir — donde o aparecimento da escola histórica, à cuja frente se achavam Gaston de Paris, Benfrey e Kohler. Em quase nada, porém, diferia da anterior, pois aceitava também uma origem comum para o folclore, no caso a Ásia, processando-se as migrações, no dizer de Gustavo Barroso, "por meio dos

viajantes, dos literatos, dos marinheiros, para os diversos países onde aparecem com ou sem transformações". Na verdade a escola histórica não podia obter sucesso, pois pelos seus próprios fundamentos significava apenas uma variante da mitológica.

Foram, assim, os estudos de Tylor, de James Frazer e de Andrew Lang, baseados na teoria das "ideias elementares", de Adolfo Bastian, que trouxeram argumentos capazes de destruir a escola de Müller e dar uma nova interpretação ao folclore. Pesquisas feitas em povos primitivos dos mais diversos países revelaram a existência, entre todos, de manifestações materiais e espirituais com uma afinidade evidente, dada a repetição quase idêntica dos mesmos símbolos. Esse facto fez com que se concluísse que em graus equivalentes de cultura as manifestações espirituais e materiais dos povos — crenças, lendas, mitos, artes populares — são espontâneas e semelhantes. Donde afirmar Halliday que essa teoria tem por fundamento "*a hipotese de que, em estágios semelhantes de desenvolvimento, as reacções normais do cerebro humano a idênticas condições ambienciais produzem, em qualquer parte, resultados iguais*". Tal a razão de se encontrar, entre classes incultas de povos civilizados, material folclórico igual ao existente entre longínquos povos primitivos que com aqueles jamais tiveram relações. Para os cientistas ingleses — dí-lo Joaquim Ribeiro — esses fenómenos se explicam "como resultantes da própria natureza antropológica dos seres humanos".

Apesar da grande força dessa teoria, que se apoiava em base sólida, lançada por Bastian — base que ainda hoje, em muitos pontos, perdura — não deixaram de aparecer outras, menores e sem grande significação. Gustavo Barroso, adepto fervoroso da escola antropológica, nela encerrou a sua classificação. Contudo, o fecundo e admirável escritor ressalvou a sua responsabilidade ao acrescentar: "Parece, no entanto, que a verdadeira escola seria aquela que adoptasse os três critérios aqui sumàriamente expostos, na explicação das razões por que apareceram em povos os mais diversos os mesmos fenómenos folclorísticos".

Foi então que surgiu uma outra teoria para a explicação desses fenómenos, a escola histórico-cultural. Contrapõe-se ela ,de maneira segura, aos pontos de vista defendidos

pelos discípulos de Bastian e, se bem que aceite alguns dos fundamentos da escola antropológica, encara sob prisma diverso os fenómenos folclóricos.

Nascida na Alemanha, país onde a enografia teve sempre sábios cultores, a escola histórico-cultural insurge-se contra a ideia evolucionista da antropológica. Para ela, se, na verdade, ambientes semelhantes, em idêntico estágio cultural, podem produzir resultados iguais, não se deve desprezar a influência, directa ou indirecta, de determinados povos sobre outros. Daí a importância dos círculos culturais ou zonas de aculturação, segundo as denominações dos grupos de Colónia e da América.

Um dos seus maiores defensores, o Dr. Willem Schmidt, que, ao lado de Koppers, tornou Viena um dos centros mais importantes da etnologia, em um livro que nos diz de perto porque estuda os círculos e estratos culturais da América do Sul, em rápidas palavras traça-lhe a génese: "A tese histórico-cultural — diz ele — já se insinuara com Perschel, surgiu, depois, conscientemente, com Ratzel, para ser desenvolvida com Frobenius através da ideia dos círculos de cultura". E depois de se referir às conferências que, na Sociedade Berlinense de Antropologia, Etnologia e Prehistoria, Ankermann e Graebner pronunciaram sobre "Círculos Culturais e Estratos Culturais" na África e na Oceania, o grande autor da "*Etnologia Sul Americana*", fazendo o elogio de Adolf Bastian, pelo muito que a sua teoria antropológica serviu à ciência, mostra os pontos de contacto e as divergências das duas escolas, ambas, na realidade, preocupadas sempre com o progresso científico. E encerra o seu livro com palavras de verdadeiro sábio ao defender a teoria que esposa: "Esse método (histórico-cultural) vem completar e justificar a obra realizada por Bastian como teórico. E por isso mesmo tornou possível avaliar-se, pela primeira vez, na justa medida, sua obra de director de museu e explorador".

O FOLCLORE NO BRASIL — COLECIONADORES, INVESTIGADORES E ECLÉTICOS

Apesar desse interesse tomado pelos povos cultos ao encarar a demopsicologia, dando-lhe um cunho científico ao invés de

tratá-la como mero passatempo literário, os estudos folclóricos no Brasil em geral se processaram de maneira desordenada.

Foi Joaquim Ribeiro quem classificou os nossos folcloristas em coleccionadores, investigadores e eclécticos. Na verdade, porém, a maioria deles apenas abraça uma das duas primeiras correntes, sendo raros os que coligem dados e os interpretam ao mesmo tempo. Sòmente, entre as centenas de escritores que, entre nós, se ocupam desse género, poucas figuras representam a terceira escola, que é a que mais significa para o conhecimento dessa matéria. Os seus nomes podem ser lembrados com facilidade: Lindolfo Gomes, Gustavo Barroso, Daniel Gouveia, Amadeu Amaral Júnior, Mário de Andrade, Luís da Camara Cascudo, Leonardo Mota e poucos outros.

No entanto, inúmeros são os trabalhos versando sobre folclore brasileiro, constituindo um rico repositório de nossas lendas, tradições, contos e poesias populares. Sílvio Romero, nos "Estudos sobre a poesia popular do Brasil", publicados em 1888, cita apenas sete autores que, até aquela época, haviam, com algum proveito, tratado "de nossa literatura popular": Celso de Magalhães, em "A Poesia Popular Brasileira", José de Alencar, em "O nosso cancioneiro" artigos publicados no antigo "O Globo", do Rio de Janeiro, Couto de Magalhães, na memória "Região e raças selvagens do Brasil", mais tarde incluída em "O Selvagem", José Antônio de Freitas, no "Lirismo Brasileiro", Teófilo Braga, que no seu "Parnaso Português Moderno" deixou "algumas referências" dignas de nota, e mais Araripe Júnior e Carlos de Koseritz, em artigos esparsos em jornais. Afora isso, o autor dos "Cantos Populares" só mencionou minguadíssimas contribuições de Varnhagem, J. F. Moutinho, Ferreira da Costa e Franklin Távora, este nos romances "O Cabeleira" e "O Matuto", obras que estão a merecer maior divulgação pelos seus grandes méritos.

Na realidade, deve-se ao grande sergipano a glória, entre muitas, de haver promovido, de maneira entusiástica, o estudo do folclore entre nós. Parece-nos, no entanto, falha aquela sua assertiva, pois antes de 1888, e além dos autores citados, também se haviam interessado pelos assuntos relacionados com o folclore muitos outros escritores, tais como Juvenal Galeno, cujas "Lendas e Canções" foram publicadas em 1865, Francisco Pe-

reira Dutra, lembrado por Basílio de Magalhães, que em 1854 publicou, no "Jornal do Comércio", um estudo denominado "Investigações sobre a origem da raça tupi, sua linguagem, tradições, mitos e costumes", o cónego Francisco Bernardino de Sousa que, no livro "Lembranças e curiosidades do vale do Amazonas", publicado no Pará, em 1873, refere-se à "Yara", ao "muiraquitã" e ao "anhangá", e o muito nosso Paulino Nogueira, que no 1.º número da revista deste Instituto, aparecida em 1887, estampou um "Vocabulário em uso na Província do Ceará, com explicações etimológicas, ortográficas, topográficas, terapêuticas, etc."

Não quer dizer que outro tenha sido, que não Sílvio Romero, o principal incentivador dos estudos sobre o folclore brasileiro. Os seus "Cantos Populares do Brasil" foram, realmente, como no prefácio acentuava ele próprio, a primeira coletânea que tivemos da poesia popular que, no recondito dos nossos vilarejos, enchia os lazeres de senhores de engenho e coronéis patriarcais, do mesmo modo que embalava as crianças e povoava de sonhos as cabeças das sinhàzinhas. E só depois de haver ele dado o brado de alarme, mostrando ao país a riqueza da nossa musa anónima, é que os escritores brasileiros voltaram, conscientemente, com espírito científico, as suas vistas para tão admirável fonte de sabedoria.

Daí para cá, porém ,não faltaram mais continuadores. Vale Cabral logo publicou as "Canções Populares da Baía" e Melo Morais Filho as "Festas e Tradições Populares do Brasil". Sant'Ana Néri, numa compilação que não deixa de ser interessante, procurou difundir nosso folclore nos meios civilizados, publicando, em Paris, o "Folk-lore brésilien", com um prefácio do Príncipe Roland Bonaparte. E Rodrigues de Carvalho, aqui no Ceará, editou, em 1903, pela tipografia Minerva, de Assis Bezerra, e como fazendo parte da biblioteca do "Centro Literário", o seu "Cancioneiro do Norte" que, precedido de um substancioso prefácio, no qual se refere a várias crendices, contém material de grande valia, merecendo destaque diversos desafios, entre os quais um de Romano da Mãe d'Água com Inácio da Catingueira, e alguns preciosos *abcs*, inclusive o do cangaceiro Jesuino Brilhante que termina orgulhosamente:

O Til é letra do fim,
Vai-se embora o navegante.
Me procure quem quiser,
Cada hora e cada instante,
Me acharão sempre às ordens:
Jesuino Alves Brilhante.

Também encerra esse livro várias notas sobre cantadores, o que demonstra estar Rodrigues de Carvalho, há 40 anos atrás, perfeitamente integrado no bom sentido da colheita do material folclore, matéria em que, mais tarde, primaria Leonardo Mota, entre muitos outros valiosos serviços que prestou ao folclore brasileiro.

Seguiram, ainda, pelo mesmo caminho do estudo da lírica popular, Pereira da Costa, com o "Folclore pernambucano", aparecido em 1908, Simões Lopes Neto, com o "Cancioneiro Guasca", Gustavo Barroso com "Ao som da Viola", além de, entre muitos outros, Carlos Gois e Afrânio Peixoto, que se dedicaram ao coleccionamento de quadras e trovas populares.

E se assim se verificou com a poesia, não menos notável foi o que ocorreu com o folclore em prosa. O mesmo Sílvio Romero deu-nos os "Contos Populares do Brasil", seguindo-lhe Júlio Campina, Simões Lopes Neto, Afrânio Peixoto, Gustavo Barroso, Lindolfo Gomes, Alberto Faria, Amadeu Amaral, Raimundo Morais, João Ribeiro, Silva Campos, Basílio de Magalhães e vários outros. O próprio patrono deste Instituto — patrono pelo amor que lhe devotou durante dezenas de anos — o Barão de Studart, no n.º 15 da Revista da Academia Cearense, publicado em 1910, estampou um interessante trabalho sobre "Usos e superstições cearenses", que conhecia como mestre.

Quase todos esses estudos, porém, não se revestiam de caracter científico, só muitos poucos dos seus autores pertencendo à categoria dos investigadores a que se refere Joaquim Ribeiro. Raríssimos, por fim, os ecléticos, coleccionadores e investigadores ao mesmo tempo, entre os que, até bem pouco, se dedicaram ao nosso folclore.

Nos últimos anos, contudo, o grupo dos ecléticos começou a desenvolver-se, convencidos os nossos homens de letras que folclore não é só literatura, como também não é só ciência. A

gente moça, procurando encaminhar a nossa demopsicologia para a sua real situação, encarando-a não como mero passa-tempo mas como um estudo sério, capaz de trazer novas luzes para a ciência etnológica, ao mesmo tempo que colhia material passou a utilizar-se do acervo já existente, realizando trabalhos comparativos que muito honram a cultura brasileira. E' que só então, por motivos vários, puderam os nossos folcloristas compenetrar-se de que folclore não são versos escritos em linguagem popular — versos à maneira de Catulo da Paixão Cearense — e sim o aproveitamento daquilo que não tem dono, que é do povo, que é um reflexo, uma confissão da alma do povo. Isso se deve aos esforços, à compreensão e competência de um grupo de estudiosos que, em boa hora, soube enveredar pelo caminho certo, separando o joio do trigo.

Como figura de primeiro plano desse grupo se encontrava Leonardo Mota.

ELOGIO DE LEONARDO MOTA

Espirito vivo, alegre, empreendedor, conversador emérito, que sabia utilizar todos os recursos para tornar uma palestra agradável, inteligência acurada, que apreendia com facilidade e seleccionava com rapidez, distinguindo, com rara argúcia, o essencial do fútil, Leonardo Mota era, no íntimo, um sentimental. Poeta por temperamento, encobria, na vida boémia que por anos levou, uma fina sensibilidade que muitas vezes, conseguindo dominá-lo, fazia-o encher os olhos de lágrimas ao falar na velha mãe, na esposa ou nos filhos. Na aparente leviandade de sua vida guardava, no íntimo, um drama que tornava de difícil compreensão a sua personalidade: o drama do artista nato que, devido a contingências várias, procura esconder os seus sentimentos mais caros.

Tal o retrato que faço do homem e no qual encontro a razão de haver ele escolhido, para a sua especialidade, o difícil ramo do folclore. Poderia, se quisesse, dedicar-se inteiramente à poesia, à crónica, ao ensaio, às pesquisas de gabinete e dos arquivos: de tudo isso deu ele provas de capacidade através de poemas, estudos críticos e documentário inteligentemente coli-

gido, que livros e jornais estamparam com assiduidade. No entanto, foi a alma do povo que o dominou, porque, sendo anónima e complexa, poderia encerrar todas aquelas belezas para as quais o seu talento naturalmente tendia. Espírito aberto a todos os encantos da vida, só no folclore poderia encontrar correspondência. Porque o folclore é ciência e é arte, é poesia, religião, crónica, ensaio, pesquisa, história.

Assim, quando, há trinta anos antes, iniciou Leonardo Mota a sua vida de folclorista, fê-lo movido por força superior que hoje os psicanalistas bem poderiam demonstrar provir do inconsciente. Era a realização de muitas tendências que lhe dominavam a alma e que, só assim, poderiam ser utilizadas sem prejuízo umas das outras. O poeta, o cronista, o ensaista, o pesquisador que embrionariamente, ou apenas por raras demonstrações, se encontravam, àquele tempo, nesse homem sentimental, procuraram identificar-se com os seus correspondentes perdidos no anonimato da musa ou da prosa populares. E para isso a natureza dotara o agente de tais sentimentos com as qualidades necessarias a uma perfeita identificação: a vivacidade, a alegria, a disposição para os empreendimentos, a espontaneidade da conversação, tudo através de uma inteligência robusta, cimentada por uma sensibilidade de escol.

Não foi ele, nem poderia ter sido, um simples coleccionador. Quando, em 1921, deu à publicidade o seu primeiro livro, "Cantadores", já o seu espírito marchava para aquele ecletismo que é o maior galardão a honrar um verdadeiro folclorista. Aí encontramos, de início, material que se pode considerar como básico para os estudos de tal importância: são "obras" — desafios, trovas e romances em moirões, martelos, ligeiras, galopes, gabinetes e emboladas — de Sinfrónio, Jacó Passarinho, Azulão, o cego Aderaldo, Luís Dantas Quezado, Serrador, João Mendes e Anselmo, aedos que bem significam uma fase de nossa cultura sertaneja. Coligindo esses cantares,, às vezes alegres, outras vezes tristes, o que o folclorista fez foi fixar, para sempre, um estágio da nossa cultura popular, a média do espírito das populações interiores do nordeste, que fizeram desses poetas os portavozes de suas crenças, seus desejos, seus temores, seus sofrimentos, suas alegrias, sua ciência, sua vida atribulada, suas lutas, sua inteligência.

Todos os mistérios e encantos que povoam a alma pura do sertanejo são traduzidos nessas cantigas que, como as mil e uma noites, não têm começo nem fim. A sabedoria do matuto, as suas bravatas, as dúvidas que o atormentam e a fé que deposita nas cousas sobrenaturais, os conhecimentos que tem do vasto mundo onde o Imperador é ainda figura tão lendária como Carlos Magno e os doze pares de França, a interpretação de fenómenos cósmicos que chegaram ao seu conhecimento por via do "Lunário Perpetuo", os bruxedos que aprendeu a temer, propalados graças ao livro de S. Cipriano, os remédios que o Chernoviz e a natureza lhe ensinaram, os males de que a humanidade é culpada e que um dia serão vingados, segundo as velhas profecias de Frei Ibiapina e outros santos frades que deslumbraram os sertões — de tudo encontraremos nas quadras, nos romances, nos desafios que, em noites inesquecíveis, esses menestréis proferem, entre aplausos da assistência e copitos de aguardente. Na verdade, o que eles representam é a media dos sentimentos, dos temores, das alegrias, das crenças, das esperanças de toda uma colectividade inculta e que, por isso mesmo, melhor do que ninguém compreende aquela linguagem que para nós outros, muitas vezes, chama a atenção apenas pelo pitoresco.

Foi nessa fonte rica e abundante que Leonardo Mota bebeu os seus primeiros sorvos de folclore — fonte límpida, reflectindo um mundo inexplorado, maravilhoso mundo primitivo capaz de enfeitiçar os mais céticos pesquisadores.

Mas ele já chegou aí enfeitiçado, entregando-se de corpo e alma a essa encantadora missão. Por isso não se admirou quando colheu de Sinfrónio essa sextilha pomposamente autobiográfica :

"Meu nome é Sinfrónio Pedro,
Martin é meu sobrenome;
Boqué de noiva, assucena,
Cravo branco, amô dos home;
Feijãozim farta-guloso
E' com que se mata a fome..."

Nem tão pouco se assustou quando Jacó Passarinho, dedilhando mal a viola, fez a sua própria apresentação :

Quando nasceu, Passarinho
Trouxe quatro dote junto:
Ser branco, dar-se a respeito,
Tocar pouco e cantar muito...

Nem mesmo as jactâncias do negro Azulão o assombraram :

Sempre foi triste o destino
De quem intima Azulão;
Eu, tando no meu destino,
Faço túia de cristão,
Quebro braço, toro perna,
Rejéto munheca e mão...

Foi coisa que nunca vi:
Rua de cabra valente...
Minha fama é na cantiga,
Sou feroz é no repente!
Colega, tome coidado,
Escute, fique ciente:
Eu, pegando um cantadô,
Sou pió que dô de dente !

Quando me faltá repente
Falta tubarão no má,
Falta padre nas igreja,
Falta santo nos altá,
Falta frade nos convento
E sêca no Ceará !

De todos estes, e dezenas de outros, Leonardo Mota colheu o que havia de mais interessante. E quando publicou o seu primeiro livro — "Cantadores", o sucesso obtido foi bem uma prova da fidelidade e sabedoria da escolha do material colecionado.

Mas, mesmo nessa primeira obra, já aparece a outra faceta do folclorista: o analista, o investigador, o estudioso que, de posse de grande material, não se limita a exibí-lo, como objectos de museu, mas aprofunda os seus conhecimentos em trabalho mais duradouro.

E' assim que o vemos comparando nossas quadrinhas com

as existentes no folclore português, colhidas por Teófilo Braga, Carolina Michaelis ou Alberto d'Oliveira: estudo que, no fundo, encerra um mundo de considerações em torno da migração dos temas de um povo para outro, transformações operadas pelo meio ou conservação de determinadas características. Idênticos estudos o preocupam nos livros seguintes, em "Violeiros do Norte", ao tratar da "Musa Matuta" e no capítulo das "Superstições", em "Sertão Alegre", em "No tempo de Lampeão", em "Prosa Vadia".

De todos os ramos do assunto de sua predilecção, foram estes estudos comparativos os que mais o absorveram. No confronto das quadras, especialidade que já tivera vários cultores, entre os quais Afrânio Peixoto e Carlos Góis, elucidou muitos pontos que mostraram o seu perfeito conhecimento da matéria. Confrontando versos colhidos das bocas de nossos matutos com os que, em outros países, foram registrados por pesquisadores de grande porte, abriu-nos ele, repetidas vezes, as portas de um mundo novo, para conclusões sociológicas, etnológicas, linguísticas.

Há, contudo, ao lado do pitoresco de que sempre revestiu sua obra, numa feição muito pessoal que lhe grangeou, com justeza, o epíteto de "Embaixador da alma sertaneja", algumas páginas que, para o folclorista, jamais serão esquecidas. Aqueles glossários que, em cada livro, enfeixava, enriquecendo a língua brasileira com vocábulos colhidos nos mais diversos recantos do país; aqueles modismos que gravou, dando-lhes o significado exacto, numa contribuição pessoal e inédita aos nossos estudos linguísticos; sobretudo os adágios que, desde o início de sua carreira de escritor, tanta atenção lhe despertaram — tudo isso representa um contingente poderosíssimo de material para uma melhor compreensão da alma colectiva do sertanejo do Brasil. Na obra multiforme de Leonardo Mota, ao lado das melhores passagens sobre os cantadores e violeiros que ele tanto exaltou — trabalho meritório e eficiente a ponto de tornar alguns de nossos humildes menestréis em verdadeiros vultos nacionais — essas outras páginas, fruto de um estudo mais sério por parte do escritor, ocupam, também, um logar de grande relevo, pois significam algo de definitivo na nossa demopsicologia.

E é justamente aí que se podem encontrar as raizes do seu maior livro, aquele que deixou inédito mas que, um dia, virá chamar a atenção de todo o país — o "Adagiário Brasileiro".

Na verdade, essa obra, ampliação do estudo de adágios que Leonardo Mota há muito vinha fazendo, é qualquer cousa de grandioso no Brasil. Compendia ela milhares de ditados colhidos pacientemente no seio de nosso povo. O adágio é, em si, uma verdade aceita sem restrições por uma colectividade — e por isso mesmo traduz fielmente os sentimentos de um povo a respeito do assunto tratado. Quando alguem diz — "Quem é bom já nasce feito" — não está apenas fazendo uma frase ou reproduzindo uma sentença com o carácter puramente pessoal: pela sua aceitação tácita, pela sua divulgação, pela repetição feita por todos, a frase passa a ser dogma para a colectividade, representando, assim, a ideia geral de que a bondade é inata.

Ora, nos seus quase 40 anos de folclore, Leonardo Mota colheu milhares de ditos populares como esse. De posse desse tesouro — verdadeira enciclopédia das crenças, da sabedoria, da alma popular — procurou compará-lo com o que, em outras línguas — francês, espanhol, italiano, latim e até mesmo no inglês, apesar da diferença de origem — existia de semelhante. Pode-se fàcilmente avaliar quão penoso foi esse trabalho, sabendo-se a escassez do material nesse sentido. Mas as tarefas difícieis não atemorizavam o homem que melhor conhecia o sertão brasileiro: atirou-se à obra com amor, entusiasmo, dedicação, persistência, e o livro que produziu é talvez o mais sério, mais completo, mais rico sobre o assunto que existe em língua portuguesa.

As dificuldades dos meios editoriais brasileiros não lhe permitiram a publicação, em vida, dessa obra que se destina a abrir novos horizontes no estudo de nosso folclore idiomático. Ficou ela a aguardar um editor de larga visão ou o auxílio do governo, num caso como este irrecusável. E enquanto não for publicada ela pesará na consciência de nossos homens de letras e de governo como uma dívida que precisa ser resgatada em prol da cultura nacional. Porque essas páginas inéditas significam a maior contribuição, no género, que um folclorista brasileiro prestou à ciência e às letras, graças à dedicação, à inteligência, aos esforços continuados de um homem que, durante

quase quarenta anos, teve uma única preocupação na vida: mostrar ao Ceará e ao Brasil a opulência da alma do povo, esse mesmo povo que tanto o amou porque com ele, em todos os momentos, Leonardo Mota procurou sempre identificar-se.

*

Poderia ter-vos falado, neste momento em que, com satisfação e por dever de protocolo, me refiro àquele cuja cadeira, nesta Casa, vou ocupar, no Leonardo Mota poeta, cronista, ensaísta, crítico literário. Poderia recordar o zelo com que ele tratou dos nossos movimentos literários, terminando por nos dar um livro inteiro sobre o mais conhecido e discutido desses empreendimentos, a "Padaria Espiritual". Poderia ainda deter-me sobre o pesquisador de nossa história eclesiástica, dispendendo oito anos a escarafunchar arquivos, anotar, corrigir, ilustrar a vida e a obra de quase todos os vultos que, nesta terra católica por excelência, se dedicaram ao sacerdócio.

Ainda seria possível, também, evocar uma outra faceta da personalidade desse grande filho do Ceará — o Leonardo Mota amigo da família, entretendo-se, com orgulho, em orientar a vida literária dos seus filhos, acompanhando-se do mais velho em dois anos de peregrinação pelas cidades do interior do Brasil, endereçando, pela imprensa, cartas abertas a um dos mais novos, cartas de "pai para filho "e que recebiam respostas "de filho para pai", também pela imprensa, numa camaradagem que era, acima de tudo, a sua característica pessoal.

Privei, por muito tempo, da intimidade de alguns desses filhos, colegas que durante longos anos fomos em colégios e Faculdade. Nesse contacto diário e bem forte pude ler, através dos filhos, a alma do pai — um homem excecional no interesse pela família. E esse lado humano, desconhecido do grande público, mas rico e exuberante em sensibilidade, sempre foi para mim motivo de mais uma admiração ao homem de letras consagrado.

Vastos eram os caminhos que eu poderia palmilhar — enveredasse pelo lado artístico ou pelo humano. Porque tanto o coração como a inteligência de Leonardo Mota eram imensos.

Preferi, entretanto, a tudo isso, procurar definir a sua posi-

ção verdadeira na vanguarda do folclore brasileiro contemporâneo. E fí-lo porque reconheço que, de todas as qualidades que ornavam o espírito de Leonardo Mota, a de folclorista lhe era a mais cara. Ele mesmo disse, em uma das raras páginas em que se ocupa de sua obra:

"Apaixonado, desde a meninice, pela observação e estudo dos costumes, da linguagem e da poesia das nossas gentes do sertão, seduziu-me a vaidade de ser no nosso país um arauto da inteligência do brasileiro nordestino".

E mais adiante :

"Se os meus esforços vão aproveitar à nossa esquecida literatura folclórica, não devo ser eu quem o reconheça, nem muito menos quem, candida ou tonitroantemente, o proclame! O que espero da crítica é a justiça de não me aparceirar com aqueles escritores que fazem o "sertanismo de indução" e aos quais se refere o publicista baiano Afonso Costa: "artistas de gabinete que, postos em torno dos eflúvios de flores de estufa e de jarras de Sèvres ou cristais de Bacarat, imaginam criações de cenas, de paisagens, de tipos e coisas do sertão e soltam a pena corredia para as narrativas sertanejas, quando o não fazem por meio de informações que lhes já vieram com a eiva da falsificação."

Desaparecido hoje do meio dos vivos, Leonardo Mota, obtendo dos que ficaram aquela justiça por que ansiava, tem a honrar-lhe a memória a glória de haver sido, justamente, o mais honesto dos nossos grandes folcloristas. Ao ocupar a cadeira que, durante anos, ele aqui ilustrou, com a sua sabedoria e a sua dedicação — na verdade não sou o seu substituto pois os grandes espíritos não podem ser substituídos — quis render-lhe o preito de minha admiração situando-o no campo de suas actividades que ele mais amava, o folclore brasileiro. Possam as minhas palavras, como os repiques daquele sino imaginário que, por muito tempo, ele aqui tangeu — perdendo-se no espaço, fracas e descoloridas, incensar-lhe, antes disso, a memória — que bem merecia hino mais rico em acordes sonoros, não mais referto de lealdade, contudo, que este romanceiro que lhe dedico, única flor perfumada que, no campo árido de meus conhecimentos, pude ofertar-lhe com a admiração sincera que se deve a um Mestre e a alegria comovida com que se fala de um Amigo.